

Maria Fernanda Pereira Gurian

**O Édipo como o núcleo da constituição do sujeito para  
Freud e Lacan**

**COGEAE-PUC**

**São Paulo / 2009**

Maria Fernanda Pereira Gurian

# **O Édipo como o núcleo da constituição do sujeito para Freud e Lacan**

Monografia de conclusão do curso de  
Especialização em Psicologia Clínica:  
Teoria Psicanalítica, da PUC/COGEAE,  
sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adela Stoppel  
Gueller.

**COGEAE-PUC**

**São Paulo / 2009**

GURIAN, M. F. P. *O Édipo como o núcleo da constituição do sujeito para Freud e Lacan*. Trabalho de Conclusão do Curso Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica. São Paulo: PUC/COGEAE, 2009.

## RESUMO

Este trabalho busca entender o posicionamento da psicanálise de Freud e Lacan acerca da constituição do sujeito, abrangendo todas as relações vivenciadas pela criança desde seu nascimento até a marca simbólica da castração, que a distingue como neurótica. Para tanto, há uma retomada do percurso freudiano e sua descoberta sobre a sexualidade infantil, bem como a formulação do Complexo de Édipo e sua conseqüente importância para a estruturação da neurose. Além disso, serão levadas em conta as considerações de Jacques Lacan sobre o tema, evidenciando neste cenário a importância da função simbólica do pai para a entrada deste ser na cultura.

**Palavras chave:** sexualidade, Édipo e castração

GURIAN, M. F. P. Oedipus as the core of the constitution of the subject for Freud and Lacan. Conclusion Course Work presented at **PUC/COGEAE** University's Clinic Psychology course, 2009.

## ABSTRACT

This paper focuses on the positioning of the psychoanalysis of Freud and Lacan on the constitution of the subject, covering all the relationships experienced by children from birth to the symbolic castration, which distinguishes it as neurotic. For this is a resume of course Freud and his discovery of infantile sexuality, and the formulation of the Oedipus complex and its consequent importance for the structure of neurosis. There will also be taken into account considerations of Jacques Lacan on the subject, showing in this scenario the importance of the symbolic function of the father to be the entry of this culture.

**Key Words:** sexuality, Oedipus and castration

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - O PERCURSO DE FREUD	10
1.1 – O caminho de Freud à sexualidade infantil	13
1.2 – A elaboração de um conceito sobre o Édipo	27
1.3 – A diferença no Édipo de meninas e meninos	30
1.4 – Complexo de Édipo: núcleo da neurose X Proibição do Incesto: núcleo da Cultura	32
CAPÍTULO II - DA FORMULAÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO À CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	37
2.1 – Outro olhar sobre o Aparelho Psíquico	38
2.2 – A importância da Linguagem	39
2.3 – Entrada de Lacan na psicanálise: Estádio do Espelho	44
2.4 – Constituição do Sujeito	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a professora e orientadora Adela Gueller, pelo acolhimento, confiança e por todas as contribuições ao longo de meu percurso.

A todos os professores do curso de Teoria Psicanalítica, pela presença amiga e por possibilitar uma ampliação de meu olhar sobre a psicanálise.

E aos meus pais, Maria de Lourdes e Luiz Antônio, por serem presenças fundamentais em minha vida, acreditando e tornando possível a realização deste sonho.

*“Tirésias fora, então, à corte de Édipo e revelou ao rei a vontade dos deuses: a praga só cessaria se um homem semeado morresse pela cidade (...) Tirésias anunciou ainda mais: “A praga não cessará. Os deuses já têm outra pessoa em mente, pois ele matou seu pai e se casou com sua mãe. Saiba, rainha Jocasta, que este é seu marido Édipo!” No início, ninguém quis acreditar em Tirésias, mas suas palavras logo foram confirmadas(...)”*

*(Trecho do Édipo Rei, Graves, 2004, p. 122)*

## **INTRODUÇÃO**

Ao construir a psicanálise, Freud se tornou um marco não apenas para sua época, mas para os dias atuais, já que sua obra teve tamanho

impacto que seria difícil imaginar o pensamento do século XX sem a influência de suas idéias.

Ao longo de sua trajetória e formulações e através do discurso de seus pacientes, Freud formulou não apenas o inconsciente, mas descobriu o quanto conteúdos infantis refletiam no ser adulto. Percebeu que não é o simples nascimento de um ser que o distingue como sujeito no mundo e que é através das relações com a alteridade que se constrói a subjetividade. Além disso, mesmo sendo tão discriminada pela sociedade na época, formulou a teoria da sexualidade infantil, evidenciando satisfações essenciais ao desenvolvimento da criança desde seu nascimento.

Dentre outras grandes contribuições, em 1917 Freud publicou o artigo *Luto e Melancolia*, primeira exploração psicanalítica no que se refere à perda de um objeto amado. Exploração esta que se tornou uma das mais importantes contribuições do pensamento psicanalítico para a compreensão do sofrimento humano.

Porém, ao longo de sua obra, Freud pouco falou sobre como o processo de luto frente a perda de um objeto amado ocorre na criança e quais são as possíveis conseqüências para o desenvolvimento psíquico deste ser até tornar-se um sujeito adulto.

Deste modo, inicialmente seria este o objetivo de minha pesquisa: o processo de luto na criança e suas possíveis conseqüências. Entretanto, ao me deparar com a bibliografia especializada sobre a criança e sua relação com a perda, percebi que esta exploração deveria abordar em um primeiro momento todo o processo de constituição psíquica na criança. Inicialmente seria necessário um entendimento de todas as influências externas e os processos que a criança vivencia deste seu nascimento até o momento em que pode se posicionar como sujeito no mundo, a partir da marca da castração.

Só a partir do entendimento destas das relações, influências e identificações que a criança estabelece em seu processo de desenvolvimento 'normal', em todas as fases e identificações que vivencia deste desde seu

nascimento, seria possível realizar um estudo da perda, do processo de luto e das possíveis conseqüências neste momento tão particular de sua vida.

Isto posto, me deparei com uma pesquisa maior do que o tempo disponível para realizá-la, sendo compelida a realizar um recorte sobre o tema deixando o processo de luto na criança para uma próxima exploração.

Logo, a idéia deste trabalho é abordar justamente este primeiro momento da criança, o que ocorre e que relações permeiam seu nascimento até a marca primordial do recalque, percorrendo todas as fases até que constitua uma estrutura psíquica 'normal'.

Através da obra de *Sigmund Freud*, veremos as principais influências e relações com a alteridade nesta fase de vida, bem como os processos necessários para a construção da personalidade, evidenciando assim o complexo de Édipo como central para a construção da neurose.

Ao estudar o destino das pulsões sexuais no decorrer do desenvolvimento infantil, Freud chegou a formulação do complexo de Édipo, que somado ao conceito de castração teve um papel fundamental em sua teoria. Frente o panorama da triangulação entre mãe e pai, os afetos e desejos da criança se mostram ambíguos e opostos: desejo sexual pela mãe e o desejo de morte ao pai enquanto rival. Será através da identificação e submissão ao pai enquanto portador da lei que interdita seu desejo, que a criança sairá do Édipo e terá acesso à cultura. Segundo Freud (1925) é a resolução do Édipo que faz com que o sujeito ocupe um lugar na comunidade cultural.

Porém, como Freud chegou a esta conclusão? Isto é, como se deu a descoberta sobre a sexualidade infantil e a formulação do complexo de Édipo como originário ao desejo infantil? Quais as influências de seu percurso? E como este processo efetivamente funciona para a criança? São estas respostas que tentarei encontrar nesta pesquisa.

Neste entenderemos o caminho e as indagações de Freud sobre a existência de pulsões sexuais infantis, mesmo que inicialmente dispersas em sua obra, bem como a formulação da teoria sobre a sexualidade infantil e o conceito do Complexo de Édipo.

Além disso, farei uma alusão à contribuição de *Jacques Lacan* para a teoria da construção da subjetividade, destacando suas idéias e as distinções entre ele e Freud. Mesmo que brevemente, entenderemos suas influências e pontos de partida para pensar no Édipo e a importância do pai neste processo.

## **CAPÍTULO I**

### **O PERCURSO DE FREUD**

Sabemos que desde o início da concepção da psicanálise, o foco de investigação de Freud não era a criança, nem a infância. Ele estava interessado em buscar a origem dos sintomas e a partir do discurso de seus pacientes, foi convocado a dedicar uma atenção especial ao infantil que se mantinha no adulto. Porém, ao acompanhar seus textos, podemos perceber que não demorou muito para que ele percebesse a importância dos processos que ocorrem na infância para a compleição humana.

Ao iniciar seus estudos sobre o aparelho psíquico e ao ouvir o discurso de alguns pacientes adultos, Freud (1905) percebeu que estes tinham alguns sintomas ligados inconscientemente a marcas deixadas nos primeiros anos da infância. De acordo com Bernardino (2006) é o conjunto destas marcas assinaladas pela infância que remetem aos aspectos estruturais da história de cada um, que constituirão o *infantil* para Freud. Marcas que remetem aos registros das primeiras relações do bebê desde seu nascimento com as pessoas que cumprem a função materna e paterna, visto que elas são as responsáveis pelo acesso deste bebê ao mundo, a partir dos cuidados básicos e da interpretação de suas necessidades, sustentados por um desejo para com este bebê.

Além disso, Freud (1905) percebeu que muitas destas marcas estavam vinculadas a relações, manipulações e a algumas curiosidades

dos órgãos sexuais e dos prazeres ligados a atividades como de sucção ou defecação nos primeiros anos de vida. Manifestações que proporcionavam uma satisfação similar ao prazer da relação sexual do adulto. Assim, o psicanalista desconfiou que já houvesse sexualidade desde o nascimento do bebê, mesmo que esta fosse recalcada no inconsciente e, portanto não reconhecida na vida adulta. Decidiu investigá-la.

Vale lembrar, que diferente do que se pensava na época, Freud (1905) não se referia à sexualidade exclusivamente ao ato sexual ou aos órgãos genitais, cuja finalidade é a reprodução. De acordo com Kaufmann (1996), o autor relacionou a sexualidade a todo investimento de energia psíquica que possibilita o prazer ou o desprazer, mesmo que não esteja diretamente relacionado aos órgãos genitais.

Nasio (1997) complementa este posicionamento, afirmando que para a psicanálise a sexualidade aparece com um sentido mais amplo, como toda estimulação (de alguma parte do corpo ou na utilização de algum objeto) que proporcione satisfação e que esteja apoiada em certo tipo de fantasia, pautada em uma idealização. Exemplo, a sucção do seio materno na busca de prazer apresentada pelo bebê nos primeiros anos de vida, está apoiada em uma primeira ação de satisfação concreta para reduzir sua fome: sucção como necessidade de alimento. Há uma necessidade concreta de sobrevivência, que proporciona tanta satisfação que passa a ser idealizada e acionada através do desejo. Para a psicanálise, esta busca de satisfação já presente desde o nascimento e remete a uma pulsão sexual.

Em *O interesse científico pela psicanálise* (1913) Freud confirmou este posicionamento ao realizar uma síntese das aplicações da psicanálise. Afirmou:

“Se examinarmos a sexualidade do adulto com o auxílio da psicanálise e considerarmos a vida das crianças à luz dos conhecimentos que assim obtivermos, perceberemos que a sexualidade não é simplesmente uma função que serve aos fins da reprodução, no mesmo nível que a digestão, a respiração etc. Trata-se de algo muito mais independente, que se coloca em contraste com todas as outras atividades do indivíduo e só é forçado a uma aliança com a economia individual após um complicado curso de desenvolvimento que envolve a imposição de numerosas restrições.”

(Freud, 1913, p. 183)

Em uma conferência de 1917 (*A vida sexual dos seres humanos*, In: *Teoria geral das neuroses*), Freud questionou o entendimento das pessoas sobre sexualidade, buscando seu esclarecimento:

“(…) não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de ‘sexual’. Talvez a única definição acertada fosse ‘tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos’. Os senhores acharão, no entanto, que esta conceituação é neutra e excessivamente imprecisa. Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. Com isto, os senhores não estarão, todavia, muito longe da equação segundo a qual aquilo que é sexual é impróprio, e o parto não constituirá algo sexual. Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo.”

(Freud, 1917, p. 309)

De acordo com Bernardino (2006), Freud trouxe com sua teoria da sexualidade uma ampliação do conceito e o entendimento de que não é o simples nascimento que estabelece um posicionamento deste ser no mundo, mas sim todas as relações que estabelece com a alteridade em seu desenvolvimento. Processo este, não cronológico, já que segue à lógica do inconsciente, mas que é caracterizado por diferentes momentos e que é fundamental para a constituição psíquica deste ser.

“Na verdade, o que Freud cuidadosamente relatou em seu texto de 1905, ultrapassou as meras conclusões sobre a questão sexual como era entendida até então, no âmbito restrito da genitalidade. Ele abriu caminho para um entendimento do que é a construção de um ser para que se torne humano no

sentido pleno da palavra. O que Freud descobriu em suma, é que o que faz a criança tornar-se alguém é que ela *deseja*. E mais: deseja porque alguém a desejou e a antecipou como desejante.”

(Bernardino, 2006, p.20)

Vejamos mais detalhadamente como se deu o trajeto desta descoberta.

### **1.1 – O caminho de Freud à sexualidade infantil**

*Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), assim como *A interpretação dos sonhos* (1900), se tornou uma das mais importantes obras do percurso de Freud. Com as posteriores alterações e acréscimos, esta obra marcou a psicanálise porque além de apresentar a criança por outra perspectiva evidenciando a existência de uma sexualidade desde seu nascimento, Freud revelou que é a partir das relações que a criança vivencia na infância que a personalidade se estrutura.

Entretanto, esta suposição já permeava os pensamentos de Freud, desde o início de seus estudos sobre a sexualidade a partir da fisiologia e da química, que iniciou em 1890 ao perceber que o tema tinha importância significativa na causa da neurose de angústia e da histeria.

Foi em sua correspondência com Fliess que apareceram as primeiras indagações e suposições de Freud sobre o tema. Na *Carta 52* enviada a Fliess em 1896, Freud estruturou pela primeira vez o funcionamento psíquico através de um registro de memória resultante de uma percepção externa. É nesta mesma carta, que ao finalizar a hipótese de estruturação da histeria, Freud se referiu pela primeira vez às *zonas erógenas*, como as partes do corpo passíveis de serem estimuladas na infância para provocar satisfação, mas que na puberdade seriam sufocadas.

“Ademais, por trás disso está a idéia das *zonas erógenas* abandonadas. Isto é, parece que, durante a infância, seria possível obter a liberação sexual a partir de muitas das diferentes partes do corpo, as quais, em época posterior, só são capazes de liberar a substância dos 28 [dias], e não outras. Nessa diferenciação e limitação [estaria, pois,] o progresso na cultura e na moral, assim como no desenvolvimento individual”.

(Freud, 1986, p. 287)

Freud passou a suspeitar que a causa da histeria estivesse ligada a efeitos traumáticos vividos na infância, em torno de pais ou substitutos paternos sedutores, vez que a maioria de suas pacientes histéricas relatava cenas de sedução vividas na infância. Acreditando na veracidade destes fatos que indicavam um trauma de origem sexual como causa de seus sintomas, o autor criou a *Teoria da Sedução*.

Em 1897, ao perceber que estas recordações traumáticas não correspondiam a fatos reais, mas sim a fantasias criadas por suas pacientes, Freud abandonou esta teoria. Esta cena poderia até ter ocorrido na realidade, mas na fantasia ela apareceria de outra forma, através de uma distorção, um intercâmbio de papéis, devido ao desejo. Assim, a fantasia expressaria a satisfação de um desejo real.

No mesmo ano, Freud anunciou nas *cartas 70 e 71* a Fliess, não só o abandono desta teoria, mas também outra descoberta feita em sua auto-análise. Ao decompor um de seus sonhos, ele percebeu que a relação incestuosa, ou seja, o amor pela mãe e a rivalidade com o pai estão presentes na infância, mesmo antes de chegar a puberdade, ainda que reprimidos na vida adulta. Ao se deparar com o complexo de Édipo ratificou que a sexualidade está presente na criança, mesmo antes de chegar a puberdade.

“Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas.”

(Freud, 1987, p. 316)

No artigo *A Sexualidade na Etiologia das Neuroses* de 1898, Freud concretizou em palavras sua percepção de que a sexualidade é fundamental para a construção dos sintomas de seus pacientes, e mais do que isso, questionou a

atuação dos médicos em não perceber sua importância. Reconheceu a dificuldade destes profissionais em questionar as experiências sexuais de seus pacientes, se posicionando de modo incisivo ao afirmar que esta investigação é fundamental para a definição de um diagnóstico. Disse ele:

“Se os fatores procedentes da vida sexual precisam realmente ser reconhecidos como causas de doença, então, por essa mesma razão, a investigação e a discussão deles incluem-se automaticamente na esfera do dever do médico.”  
(Freud, 1898, p. 252)

Afirmou ainda, que a etiologia de todos os casos de psicose está no campo sexual e que esta investigação sobre os fatores sexuais, facilitará a própria atuação do médico frente à cura dos sintomas de seus pacientes.

Além disso, neste artigo Freud garantiu a existência de sexualidade na infância. Disse que a criança possui todas as funções sexuais, mas que estas só se revelam junto ao desenvolvimento do organismo, ou seja, na puberdade, quando o organismo está preparado para o ato sexual, para a reprodução. Esta ideia é construída socialmente, já que a própria evolução da espécie evita a atividade sexual na infância, para que esta seja desenvolvida apenas na vida adulta. É por este motivo, que Freud afirmou que “as experiências sexuais na infância estão fadadas a ter efeito patogênico”, mas que isto só será confirmado no decorrer do desenvolvimento. As marcas deixadas na infância serão reveladas na maturidade, a partir do desenvolvimento orgânico e psíquico.

“Erramos ao ignorar inteiramente a vida sexual das crianças; segundo minha experiência, as crianças são capazes de todas as atividades sexuais psíquicas, e também de muitas atividades somáticas. Assim como a totalidade do aparelho sexual humano não está compreendida nos órgãos genitais externos e nas duas glândulas reprodutoras, também a vida sexual humana não começa apenas na puberdade, como poderia parecer a um exame superficial. Contudo, é verdade que a organização e a evolução da espécie humana se esforçam por evitar uma ampla atividade sexual durante a infância. Aparentemente, no homem, as forças pulsionais sexuais destinam-se a ser armazenadas, de modo que, com sua liberação na puberdade, possam servir a grandes fins culturais. (W. Fliess.) Uma consideração dessa espécie possibilita compreender por que as experiências sexuais na infância estão fadadas a ter um efeito patogênico. Mas, no momento em que ocorrem, elas só produzem efeito em grau muito reduzido; muito mais importante é seu efeito *retardado*, que só pode ocorrer em períodos posteriores do crescimento. Esse efeito retardado se origina — como não poderia deixar de ser — nos traços psíquicos deixados pelas experiências sexuais infantis. Durante o intervalo entre as experiências dessas

impressões e sua reprodução (ou melhor, o reforço dos impulsos libidinais delas provenientes), tanto o aparelho sexual somático como o aparelho psíquico sofrem um importante desenvolvimento; e é assim que a influência dessas experiências sexuais primitivas leva então a uma reação psíquica anormal e à existência de estruturas psicopatológicas.”

(Freud, 1989, p. 266)

No texto *A Interpretação dos Sonhos* (1900), em seu estudo sobre os sonhos, mas especificamente ao analisar os sonhos infantis, Freud citou a relação edípica com os pais como fundamental, mesmo sem descrevê-la. Aos estudar os sonhos típicos, principalmente os sonhos sobre a morte de entes queridos, Freud percebeu que os sonhos se remetiam a realizações de desejos, frente às complexas e ambíguas funções de amor e ódio pelos pais.

Como já suspeitava, os sonhos tratavam-se de mais uma evidência frente a hipótese da existência de certos impulsos sexuais na infância, que estariam direcionados aos pais. Sonhos que propõem a criança justamente a realização destes desejos inconscientes que estariam ligados a esta triangulação com as figuras materna e paterna.

“(…) o papel principal na vida mental de todas as crianças que depois se tornam psiconeuróticas é desempenhado por seus pais. Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época e que é tão importante na determinação dos sintomas da neurose posterior.”

(Freud, 1900, p. 287)

Freud então, associou este sonho infantil de amor e ódio aos pais ao mito do *Édipo Rei*, peça de teatro grega escrita por Sófocles por volta de 427 a.c. Famoso por matar o pai e casar-se com a própria mãe, a história de Édipo representaria a realização de um desejo infantil, que só é possível em sonho, já que é impellido pela moral. Disse que é esta relação com os pais que possibilita a inscrição da neurose na criança.

“*Oedipus Rex* é o que se conhece como uma tragédia do destino. Diz-se que seu efeito trágico reside no contraste entre a suprema vontade dos deuses e as vãs tentativas da humanidade de escapar ao mal que a ameaça. A lição que, segundo se afirma, o espectador profundamente comovido deve extrair da

tragédia é a submissão à vontade divina e o reconhecimento de sua própria impotência. (...)

Se *Oedipus Rex* comove tanto uma platéia moderna quanto fazia com a platéia grega da época, a explicação só pode ser que seu efeito não está no contraste entre o destino e a vontade humana, mas deve ser procurado na natureza específica do material com que esse contraste é exemplificado. Deve haver algo que faz uma voz dentro de nós ficar pronta a reconhecer a força compulsiva do destino no *Oedipus*, ao passo que podemos descartar como meramente arbitrários os desígnios do tipo formulado em *die Ahnfrau* [de Grillparzer] ou em outras modernas tragédias do destino. E há realmente um fator dessa natureza envolvido na história do Rei Édipo. Seu destino comove-nos apenas porque poderia ter sido o nosso — porque o oráculo lançou sobre nós, antes de nascermos, a mesma maldição que caiu sobre ele. É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai. Nossos sonhos nos convencem de que é isso o que se verifica. O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis.”

(Freud, 1900, p. 288)

Para Freud, o *Édipo Rei* traz a concretude e a possibilidade de realização de impulsos pertencentes a todos neuróticos e que por mais que estes tenham sido reprimidos ao inconsciente e provoquem indignação e culpa, ainda existem e podem ser revelados. O sonho seria uma forma de que esses desejos recalçados serem revelados: “No *Oedipus*, a fantasia infantil imaginária que subjaz ao texto é abertamente exposta e realizada, como o seria num sonho.” (Freud, 1900, p.291)

Porém, mesmo que a sexualidade infantil já estivesse em seus pensamentos, apenas em 1905, no artigo *Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade*, que Freud falou claramente sobre o tema. Em três ensaios distintos, Freud escreveu sobre a escolha sexual, diferenciando o alvo e o objeto, bem como teorizou as fases da sexualidade na infância, evidenciando as resignificações da energia sexual no desenvolvimento de uma criança até chegar à puberdade.

Mais especificamente no segundo ensaio deste artigo, Freud questionou a idéia de não existir sexualidade na infância. Inicialmente, abordou a questão da amnésia infantil, questionando o motivo pelo qual a grande maioria das pessoas não se lembra dos acontecimentos da primeira infância, visto que este é um momento caracterizado por uma grande capacidade de recepção a percepção.

Assim, disse que esta amnésia é resultante de um impedimento da consciência, frente a um recalçamento, cuja hipótese é que nesta amnésia também se inclua o desenvolvimento sexual deste período.

Assim, para compreender este recalque e o que o ocasiona, o psicanalista passou a descrever as moções sexuais do bebê desde o seu nascimento. Definiu o chuchar como o primeiro movimento sexual da criança. Não o ato de sugar o leite da mãe, mas sim de realizar movimentos seqüenciais de sucção em que a alimentação não é o objetivo fim.

“Se um bebê pudesse falar, ele indubitavelmente afirmaria que o ato de sugar o seio materno é de longe o ato mais importante de sua vida. E nisto o bebê não se engana muito, pois nesse único ato está satisfazendo de uma só vez as duas grandes necessidades vitais. Por isso, não nos surpreenderemos ao saber, por meio da psicanálise, quanta importância psíquica conserva esse ato durante toda a vida. Sugar ao seio materno é o ponto de partida de toda a vida sexual, o protótipo inigualável de toda satisfação sexual ulterior, ao qual a fantasia retorna muitíssimas vezes, em épocas de necessidade. Esse sugar importa em fazer o seio materno o primeiro objeto do instinto sexual.”

(Freud, 1917, p. 319)

Como sua mãe nem sempre está presente para proporcionar tal sensação, o seio passa a ser substituído pelo próprio corpo do bebê, como um dedo por exemplo, de modo que o bebê se torne independente no que se remete a sua própria satisfação. “Está claro, além disso, que o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado” (Freud, 1905, p.171). Freud observou que este tipo de movimento rítmico leva ao relaxamento e adormecimento do bebê, se assemelhando a satisfação do orgasmo sexual.

Para Freud, a parte do corpo escolhida pela criança para lhe trazer satisfação é chamada de *zona erógena*. Ao sugar o leite materno, os lábios do bebê exercem a função de zona erógena, já que mesmo agindo inicialmente para sobreviver, para se manter vivo através da alimentação, esta ação passa a ser independente do alimento, que busca satisfação. É uma energia que passa a ser lançada na busca pelo próprio prazer, um investimento narcísico em que a pulsão não se remete a outra pessoa, mas sim, para o próprio corpo, sendo então

uma satisfação *auto-erótica*. Para o autor, esta hipótese se confirma pelo próprio fato de que mesmo após o crescimento dos dentes, ou seja, quando a criança já consegue se alimentar através da mastigação, este movimento de chuchar continua a ser executado.

“No chuchar ou sugar com deleite já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo *auto-erótica*, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena*.”  
(Freud, 1905, p. 172)

Outra zona erógena bastante estimulada pela criança é a zona anal, já que para Freud, ela representa grande parcela de excitabilidade auto-erótica. O controle esfinteriano remete ao bebê a possibilidade de controle sobre o próprio corpo, de influência sobre o mundo. Trata-se do movimento de reter as fezes até a sua acumulação, estimulando contrações musculares e a mucosa produzida na passagem pelo ânus. Assim, a defecação pode ser acompanhada de satisfação e prazer, além de representar para o bebê a entrega de uma parte de seu próprio corpo, como um “presente” ao mundo externo. Vale lembrar, que neste momento, ainda não há conhecimento sobre o que é masculino e feminino, sendo que o domínio é a analogia ativo e passivo.

Freud acrescentou no artigo *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal* de 1917, que este é um momento importante do desenvolvimento infantil, devido a sua relação com a educação e a moral. Disse-nos:

“Para induzi-lo a renunciar a essas fontes de prazer, é-lhes dito que tudo aquilo que se relaciona com essas funções é vergonhoso e deve ser mantido em segredo. Então, pela primeira vez, a criança é obrigada a trocar o prazer pela respeitabilidade social. (...) Mesmo depois de a educação ter atingido seu objetivo de tornar essas tendências incompatíveis com a criança, esta continua a atribuir elevado valor às fezes, considerando-as ‘presentes’ e ‘dinheiro’.”  
(Freud, 1917, p. 320)

Com relação à zona genital, Freud (1905) comentou que neste primeiro momento da infância, os órgãos sexuais propriamente ditos também são

estimulados, mas de um modo diferente, ou seja, ao ser tocado pelos adultos nos cuidados básicos de higiene, por exemplo. Assim, o toque de seus pais ou responsáveis aparece como a possibilidade de satisfação dos órgãos genitais, mas que provavelmente será esquecido na puberdade devido à amnésia infantil. Isto justificaria a futura primazia dessa zona erógena para atividade sexual.

Vale destacar, que culturalmente, estas satisfações provocariam sentimentos de culpa e vergonha na criança, o que não ocorre neste momento, já que a moralidade ainda não foi introjetada. Por este motivo, para Freud, a criança tem uma disposição a ser *perversa polimorfa*. Por ser desprovida de vergonha, a criança possui satisfação e curiosidade em ficar nua, em ver os outros nus, questionar e saber da genitália de outras pessoas. A criança é atraída a uma atividade investigatória das questões sexuais como por exemplo, o entendimento sobre a origem dos bebês, antes mesmo de entender a diferença entre os sexos. Até porque, em um primeiro momento meninas e meninos teriam uma genitália igual, ou seja, as crianças atribuem a ambos os sexos a genitália masculina. Além destas questões, o próprio ato sexual é questionado pela criança, que seria construído em seu imaginário de maneira sádica.

No artigo de 1907, *O esclarecimento sexual das crianças*, Freud retomou esta questão da investigação infantil, afirmando que muitos adultos não respondem verdadeiramente ao questionamento das crianças, a fim de tentar preservar sua pureza. Conceito errôneo, até porque, como vimos, desde a primeira infância o bebê já desfruta de sensações sexuais. Disse ele (p.127): “Não me parece haver uma única razão de peso para negar às crianças o esclarecimento que sua sede de saber exige.”

A resposta simplificada ao questionamento sexual da criança propõe credibilidade ao adulto, bem como o entendimento de que a sexualidade, assim como outros temas de sua curiosidade, podem ser passíveis de sua compreensão. Freud concluiu (1907, p.128): “A curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem.”

Já no artigo *Sobre as teorias sexuais da criança*, publicado em 1908, Freud comentou que tais questionamentos sobre a vida sexual promovem para a criança, a elaboração de teorias sobre a diferença entre os órgãos genitais, o nascimento e o ato sexual.

Um exemplo da primeira teoria, como já comentado, seria de que as crianças atribuem a presença do pênis a ambos os sexos. Um menino que vê uma menina nua, não se remete ao pênis como ausente, mas sim como algo que ainda está em crescimento. Percepção esta que inicialmente não propõe perigo. É ao se sentir ameaçado que o menino terá esta diferença real como angustiante em sua fantasia. Por exemplo: ao estimular seu pênis, o menino é surpreendido por seus pais que o intimidam na iminência de cortá-lo. Assim, se instaura o temor pela perda do pênis e a *ameaça de castração*, termo que Freud (1908) publica pela primeira vez. Conseqüentemente, ao se deparar novamente com o órgão feminino, o menino terá a fantasia de que o mesmo foi cortado, evidenciando ainda mais o temor de que o mesmo aconteça com o dele.

A segunda teoria se remete ao nascimento do bebê, que dentro da barriga da mãe, só pode ser retirado pela passagem anal. Esta teoria se dá pelo próprio limite da criança, cujo desenvolvimento sexual ainda não está finalizado; não há conhecimento sobre a vagina.

Já a terceira teoria é sobre o ato sexual, que a partir da percepção do ato real, sejam pelos ruídos, objetos ou pelo próprio testemunho acidental da relação dos pais por exemplo, é entendido pela criança como algo violento, uma luta. Há uma visão sádica do coito, que ainda não é relacionado ao surgimento de um bebê. Neste momento a criança entende que o órgão sexual tem a função única de micção.

Retomando o artigo de 1905, Freud concluiu que o desfecho do desenvolvimento sexual infantil seria a vida sexual propriamente dita, em que o ato sexual e a obtenção de prazer têm a finalidade de reproduzir. Assim, as pulsões parciais que até então estavam desvinculadas e independentes se unem em um só alvo sexual. Pensando nisso, Freud definiu como *pré-genital* a satisfação através de outras partes do corpo se não os órgãos genitais. Como

vimos, a primeira desta organização é a satisfação oral, em que a atividade de prazer, o chuchar, está desvinculada da função de alimentação. O segundo momento pré-genital é a satisfação sádico-anal, que se caracteriza pela oposição passivo e ativo, e a pulsão se destina ao controle do esfíncter para a obtenção de satisfação.

Além disso, Freud (1905) comentou outras fontes de excitação que podem provocar prazer na criança, como excitações mecânicas (movimento rítmico do corpo), atividade muscular (lutas corporais), processos afetivos (extrema tensão ou a vivência de situações de temor ou dor) e a atividade intelectual. As pulsões parciais da sexualidade se compõem não só na satisfação das zonas erógenas, mas também nestas fontes de excitação.

No que remete à escolha de objeto sexual, Freud (1905) propôs que esta acontece em dois momentos. Como vimos, inicialmente esta seria marcada por alvos sexuais de natureza infantil e posteriormente na puberdade e na vida adulta esta escolha se volta ao objeto (reprodução). Na puberdade as zonas erógenas se submetem à primazia dos órgãos genitais, onde a pulsão sexual se vincula a função de reprodução. Isto é evidenciado pela própria mudança do corpo, como por exemplo, pelo crescimento da genitália interna e externa.

O olhar, o toque a as próprias alterações da genitália seriam a introdução da excitação sexual, ou seja, seriam zonas erógenas que provocam sensações de *pré-prazer* e certa tensão que culminaria no ato sexual. Neste momento, o prazer das zonas erógenas tem menor escala, pois o organismo já está preparado para obter prazer através da genitália, do ato sexual.

Por este motivo, Freud diferenciou o tipo de energia sexual, afirmando que quando a libido está voltada às partes do corpo, como acontece na infância, pode ser considerada como *libido do ego* ou *libido narcísica*; quando a mesma se remete ao objeto sexual na puberdade, passa a ser chamada de *libido do objeto*.

Além disso, com a diferenciação do próprio corpo na puberdade, a distinção entre os dois sexos fica ainda mais evidente. Em uma nota de rodapé de 1915, Freud questionou o próprio conceito de masculino e feminino,

afirmando que estes conceitos permeiam sentidos biológicos e sociológicos, relacionando tais conceitos a função de atividade e passividade respectivamente.

Sobre a questão, completou Freud no texto *Sobre a Psicanálise* de 1913:

“Falamos também de atributos e impulsos mentais ‘masculinos’ e ‘femininos’, embora, estritamente falando, as diferenças entre os sexos não possam pretender nenhuma característica psíquica especial. Aquilo de que falamos na vida comum como ‘masculino’ e ‘feminino’ reduz-se, do ponto de vista da psicologia, às qualidades de ‘atividade’ e ‘passividade’ — isto é, a qualidades determinadas não pelos próprios instintos, mas por seus objetivos. A associação regular destes ‘ativos’ e ‘passivos’ na vida mental reflete a bissexualidade dos indivíduos, que está entre os postulados clínicos da psicanálise.”

(Freud, 1913, p. 184)

Vale lembrar, que antes de chegar a vida adulta, Freud (1905) localizou um período de *latência*, em que as pulsões sexuais se afastam da finalidade sexual e se desviam para outros fins, por meio da *sublimação*, como por exemplo, para o estudo e a cultura.

Outro ponto interessante destacado por Freud ainda no artigo de 1905 é a distinção da zona erógena no menino e na menina, visto que diferente do menino que desde sua infância tem excitação na masturbação do pênis, na menina há outro movimento. A menina que inicialmente tem satisfação apenas na masturbação clitoridiana deve transferir tal excitação para a vagina na puberdade, evidenciando uma troca de zona genital dominante. Disse Freud (1905, p. 209): “Quando enfim o ato sexual é permitido, o próprio clitóris é excitado e compete a ele o papel de retransmitir essa excitação para as partes femininas vizinhas (...).”

O outro aspecto levantado por Freud é o de que na puberdade ocorre um afrouxamento dos laços com a família devido à proibição do incesto. Assim, estes buscarão objetos sexuais que se assemelhem à figura paterna ou materna. Contou Freud (1905, p. 216): “A afeição infantil pelos pais é sem dúvida o mais importante, embora não o único, dos vestígios que, reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto”.

Em 1910, no texto *Cinco Lições da psicanálise*, Freud abordou novamente esta relação que permeia a escolha do objeto sexual na puberdade. Diferente do que acontece nos primórdios da infância, em que a satisfação remete a qualquer pessoa que cuide da criança, na puberdade há uma identificação com os genitores. O menino se identifica com a mãe, tendo seu pai como rival, assim como a menina se identifica com o pai, sendo sua mãe a concorrente.

No artigo *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal* de 1917, Freud complementou este pensamento:

“O ódio ao pai, os desejos de morte contra ele, já não são mais insinuados timidamente, a afeição pela mãe admite que seu objetivo é possuí-la como mulher. (...) os desejos sexuais dirigidos à mãe assumem formas tais, que devem ter sido estranhos até mesmo para uma criança.”

(Freud, 1917, p. 338)

Tomada por sentimentos de amor e ternura, que se somam à hostilidade e rivalidade, esta relação incestuosa e as severas proibições que ela implica, serão submetidas ao recalque, que é fundamental para a escolha objetal e o desenvolvimento normal da sexualidade, nos diz o autor. Recalque este responsável pela amnésia infantil apontada no artigo *Os três ensaios*.

É justamente neste momento do Édipo, em que há um misto de amor e identificação com sentimentos hostis, que será despertado na criança o senso investigativo, a curiosidade sexual, ainda mais se neste cenário houver possibilidades reais de ameaça, como o nascimento de um novo irmão. Afirmou o psicanalista em 1910, no artigo *Cinco Lições da psicanálise*:

“A criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos. Em geral o incitamento vem dos próprios pais, cuja ternura possui o mais nítido caráter de atividade sexual, embora inibido em suas finalidades. O pai em regra tem preferência pela filha, a mãe pelo filho: a criança reage desejando o lugar do pai se é menino, o da mãe se se trata da filha. Os sentimentos nascidos destas relações entre pais e filhos e entre um irmão e outros, não são somente de natureza positiva, de ternura, mas também negativos, de hostilidade. O complexo assim formado é destinado a pronta repressão, porém continua a agir do inconsciente com intensidade e persistência. Devemos declarar que suspeitamos represente ele, com seus derivados, o *complexo nuclear* de cada neurose, e nos predisposemos a

encontrá-lo não menos ativo em outros campos da vida mental. O mito do rei Édipo que, tendo matado o pai, tomou a mãe por mulher, é uma manifestação pouco modificada do desejo infantil, contra o qual se levantam mais tarde, como repulsa, *as barreiras do incesto*.”

(Freud, 1910, p. 57 e 58)

Esta é a triangulação que possibilita o cenário para que o complexo de Édipo aconteça, e que inevitavelmente contribuirá para a definição não só da escolha objetal, mas para o desenvolvimento psíquico deste ser. Para o autor, são resquícios ou falhas nesta relação que darão início às patologias como a perversão e a psicose.

É importante lembrar, que Freud confirmou todas estas hipóteses não só na observação de crianças, mas no acompanhamento de um caso de fobia de um menino de cinco anos. Publicado em 1909 no artigo *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, este caso foi marcante na trajetória de Freud, por ser o primeiro caso publicado da análise de uma criança. Está certo que o psicanalista não o atendeu efetivamente, já que era seu pai, discípulo de Freud, que fazia este duplo papel. Mas em correspondência com o pai desde 1906, Freud pode acompanhar o caso e inferir no que fosse necessário, tendo visto o menino apenas uma vez.

O pequeno Hans foi um exemplo claro desta ânsia por conhecimento, principalmente no que se remete à sexualidade, tão comum nos primeiros anos de vida. Nas cartas enviadas a Freud, o pai de Hans, relatava o interesse de seu filho pelos órgãos sexuais, suas curiosidades e questionamentos, bem como a afeição que sentia por sua mãe. Em uma das cartas, seu pai contou que Hans apresentava fobia por cavalos e por isso não queria mais sair de casa.

Segundo o relato de seu pai, Hans criou algumas teorias relacionando inconscientemente o que desejava e o que temia, como por exemplo, o medo de andar em uma carruagem, que na época era o

único meio de transporte, já que imaginava que os cavalos que a puxavam iriam escorregar, cair e quebrar as pernas.

Hans possuía sentimentos que se relacionavam diretamente ao misto de amor e ódio da relação edípica. Sentimentos que foram evidenciados no nascimento de sua irmã, quando ele tinha três anos e meio, já que a entrada de mais uma pessoa na relação, antes triangular, proporcionou questionamentos narcísicos a ele, ou seja, a busca pelo entendimento de que lugar ele ocupava nesta relação até o nascimento desta “intrusa”. Para Freud (1909), houve um misto de ódio e ciúmes em relação a irmã, assim como raiva da mãe, que aparece como traidora.

“O desejo reprimido de Hans estava bem transparente. Sua mãe lhe perguntou se ele tinha preferido que Hanna não estivesse lá, ao que ele respondeu “Sim”. (...) Hans sentiu uma forte aversão pelo bebê recém-nascido, que lhe roubou uma parte do amor de seus pais. Essa antipatia não desapareceu completamente e só foi supercompensada em parte por uma afeição exagerada. Ele já tinha expressado muitas vezes um desejo de que a cegonha não trouxesse mais bebês e que devíamos pagar-lhe algum dinheiro para não trazer mais nenhum “de dentro da grande caixa”, onde estão os bebês.”

(Freud, 1909, p. 67)

Uma das principais características de Hans era seu interesse sobre seu órgão genital, seu “pipi”. Além de inúmeros questionamentos, tinha uma curiosidade intensa em olhar o órgão dos outros, assim como exibir o seu. Do mesmo modo que Freud descrevera no artigo de 1908, como uma percepção comum nos primeiros anos de vida, Hans não via diferença de órgãos entre meninos e meninas. Ao ver sua irmã nua imaginou que seu pênis ainda fosse crescer. De acordo com Freud (1909) foi a intervenção de sua mãe, que posteriormente possibilitou ao menino outra percepção sobre esta diferença entre os órgãos sexuais.

“Aos três anos e meio, sua mãe o viu tocar com a mão no pênis. Ameaçou-o com as palavras: ‘Se fizer isso de novo, vou chamar o Dr. A. para cortar fora seu pipi. Aí, com o que você vai fazer pipi?’”

(Freud, 1909, p.17)

A ameaça de sua mãe instaurou em Hans o temor de perder seu pênis, de que o mesmo fosse cortado. Trata-se do medo da castração, já descrito nas teorias de Freud. Além disso, esta fala enfatizou sua percepção de que as meninas não têm pênis, não porque ele ainda vai crescer como pensava inicialmente, mas porque em sua fantasia, este foi cortado.

Assim, de acordo com Freud (1909), neste contexto de desejos hostis a seu pai e sádicos a sua mãe, para representar sua angústia de castração e o medo de perder seu “pipi”, Hans fez um deslocamento de um sentimento de prazer, para um objeto de medo. Inconscientemente, os cavalos representavam seu pai, que sadicamente, Hans um dia desejou ver cair e quebrar as pernas quando o via subir as escadas de casa. Deste modo poderia ficar com sua mãe. Este sintoma seria uma representação dos sentimentos adquiridos na relação edípica.

“Na sua atitude em relação a seu pai e sua mãe Hans confirma da maneira mais concreta e sem compromisso o que eu tinha dito na minha A interpretação dos sonhos com respeito às relações sexuais de uma criança com seus pais. Hans era realmente um pequeno Édipo que queria ter seu pai ‘fora do caminho’, queria livrar-se dele, para que pudesse ficar sozinho com sua linda mãe e dormir com ela.”

(Freud, 1909, p.103)

Deste modo, Hans repetia em seus questionamentos e fantasias o processo que Freud descrevera em sua teoria da sexualidade (1905).

“Minha impressão é de que o quadro da vida sexual de uma criança apresentado nessa observação do pequeno Hans está muito de acordo com o relato que forneci (baseando meus pontos de vista em exames psicanalíticos de adultos) nos meus *Três Ensaios*.”

## **1.2 - A elaboração de um conceito sobre o Édipo**

Entretanto, podemos perceber que Freud não criou uma teoria específica sobre o complexo de Édipo, no artigo *Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade* (1905). Este marcou a descrição da teoria sexual infantil e suas respectivas fases e características.

De fato, a descrição sobre o Édipo surgiu a partir de 1920, junto a formulação da segunda tópica do aparelho psíquico, quando ele evidencia o estágio fálico, sobre estágio genital, ao formular a importância da castração, da primazia do falo.

No artigo *A organização genital infantil* de 1923, Freud retomou a teoria infantil sobre a diferença dos órgãos sexuais, cuja questão envolve o órgão masculino. Como já dissemos anteriormente, ao ver uma menina despida, o menino acredita em um primeiro momento, que ela possui um pênis, mas que este ainda está em crescimento. Lentamente, chega à conclusão de que ela não o possui. Mas não porque não existe ou é diferente, mas sim porque ele não está mais ali, foi cortado. Disse-nos Freud (1923, p. 159): “A falta de um pênis é vista como resultado da castração e agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria.”

O psicanalista concluiu que neste primeiro momento da organização genital infantil, não há masculino e feminino, há somente o masculino, já que o embate gira apenas em torno do órgão sexual masculino: “O que está presente portanto, não é a primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*” (Freud, 1923, p. 158). Apenas na puberdade, que haverá o entendimento de que na mulher não há o pênis e nem a falta dele, mas sim a vagina.

“Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamente, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com *masculino e feminino*. A

masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero.  
(Freud, 1923, p. 161)

Cabe destacar, que neste momento, o menino associa a perda do pênis com a punição, que se remete apenas às mulheres desprezíveis. Acredita que outras mulheres possam ser castradas, mas não sua mãe. Para o autor, é apenas quando a criança retoma as questões sobre o nascimento e percebe que só a mulher pode ter filhos, que a mãe passa então a não possuir o pênis.

No artigo *A dissolução do Complexo de Édipo* de 1924, Freud retomou a discussão sobre Édipo, questionando inicialmente o porquê de sua destruição, ou seja, o motivo para o fim desta relação e as suas conseqüências. Pensou na frustração deixada para a criança frente a um amor incestuoso e portanto impossível, assim como a possibilidade desta relação ser hereditária e portanto implícita ao desenvolvimento humano.

“A menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega a ocasião em que tem de sofrer parte dele uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo. O menino encara a mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e sua solicitude para um recém-chegado. A reflexão deve aprofundar nosso senso da importância dessas influências, porque ela enfatizará o fato de serem inevitáveis experiências aflitivas desse tipo, que agem em oposição ao conteúdo do complexo. Mesmo não ocorrendo nenhum acontecimento especial tal como os que mencionamos como exemplos, a ausência da satisfação esperada, a negação continuada do bebê desejado, devem, ao final, levar o pequeno amante a voltar as costas ao seu anseio sem esperança. Assim, o complexo de Édipo se encaminharia para a destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna. Outra visão é a de que o complexo de Édipo deve ruir porque chegou a hora para sua desintegração, tal como os dentes de leite caem quando os permanentes começam a crescer. Embora a maioria dos seres humanos passe pelo complexo de Édipo como uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade e que está fadado a findar de acordo com o programa, o instalar-se a fase seguinte preordenada de desenvolvimento”.

(Freud, 1924, p. 193)

Ao retomar os estudos sobre o que acontece com as crianças na relação edípica, Freud (1924) percebeu que outras perdas as preparam para esta

frustração, como por exemplo, a separação do seio materno e a exigência cotidiana em eliminar as fezes.

Ao analisar o que acontece com o menino, Freud percebeu que esta relação lhe permite duas posições diferentes: de rival ao seu pai, para que pudesse amar e ter relações com sua mãe ou assumir o lugar da mãe e ser amada pelo pai. Posições antagônicas, pois assume posições de atividade e passividade respectivamente.

Porém, ao se dar conta de que as meninas são castradas e devido ao medo de que o mesmo aconteça com ele, o menino arruína estas duas posições de obter satisfação na relação edípica. A posição ativa está destinada à castração, ao mesmo tempo em que a castração é condição para a posição passiva. Assim, Freud concluiu que o que rescinde o complexo de Édipo neste caso é o temor à castração. É o medo narcísico de perder seus órgãos genitais, o pênis, que fará o menino abandonar o amor por sua mãe.

“Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo”.

(Freud, 1924, p. 196)

Desta maneira ocorre uma repressão, uma destruição desta triangulação, ao mesmo tempo em que a lei e a autoridade do pai marcam a proibição desta relação incestuosa, propondo a construção do *superego*, isto é, a instância psíquica caracterizada pela ‘consciência moral’ e pela formação dos ideais. Esta não se constrói a partir do modelo dos pais, mas sim a partir do superego deles, isto é, da transmissão e interiorização das exigências, valores e tradições inscritos nestes sujeitos e que foram passados de geração a geração. Trata-se de uma identificação com a figura paterna.

Ao mesmo tempo em que o menino se afasta da castração, preservando seu pênis, a energia sexual investida nesta relação é sublimada. Como já comentado, a criança entrará em um período de latência, em que parte de sua

energia sexual será inibida e parte desviada para outros fins, como por exemplo, a educação.

### **1.3 – A diferença no Édipo de meninas e meninos**

Podemos perceber que esta formulação do Édipo e sua dissolução foi formulada por Freud em torno do modelo masculino, ou seja, evidenciando o que ocorre com o menino, a percepção do que ocorre com a menina seria equivalente.

Entretanto, já em 1913, no artigo *A organização genital infantil*, Freud reconheceu certa diferença, mesmo que ainda não pudesse ser claramente identificada (Freud, 1913, p. 158): “Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos.”

Retomou a idéia da indiferença nas *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* de 1916, afirmando que o Édipo ocorre de maneira similar entre meninos e meninas:

“Como vêem, descrevi-lhes apenas a relação de um *menino* para com seu pai e sua mãe. As coisas se passam de modo exatamente igual com as meninas, com as devidas modificações: uma afetuosa ligação com o pai, uma necessidade de eliminar a mãe, por julgá-la supérflua, e de tomar-lhe o lugar (...)”

(Freud, 1916, p. 337)

No artigo de 1925, *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud retomou esta questão, assegurando a existência de diferença entre meninos e meninas no que concerne a triangulação edípica, e que estas estariam ligadas diretamente às relações antecedentes ao Édipo.

Devido aos primeiros cuidados necessários ao estado de desamparo e a sobrevivência do bebê, meninos e meninas possuem uma relação exclusiva com

a mãe. No caso dos meninos, esta identificação se estenderá e permanecerá evidente no Édipo, somada a uma rivalidade com o pai, já que unido a intensificação de seus desejos eróticos, existe a ameaça narcísica de perder seu próprio pênis, ao perceber a diferença entre os órgãos genitais.

Nas meninas o que acontece é diferente: para entrar na triangulação edípica ela deve trocar seu objeto de amor original, a mãe, pelo pai. Para tanto, Freud percebeu que o que está em jogo é a inveja do pênis.

Ao se deparar com o pênis do menino, notável por sua proporção diferenciada, a menina se sente injustiçada, acha seu clitóris inferior. Não percebe que esta diferença pode ter uma finalidade sexual. Inicialmente, acha que não o tem, pois ainda está em crescimento. Depois se dá conta de que isso não vai acontecer e de que ela não o tem porque foi cortado. Sente-se inferiorizada e passa a sentir inveja do menino. Além disso, se afasta de sua mãe, ao entender que ela é a culpada por não possuir um pênis e assim, os laços de afeto entre elas são afrouxados. Devido a frustração, a mãe é depreciada aos olhos da filha.

Porém, até então a menina não entrou no Édipo. Para tanto, ela abandonará o desejo de ter um pênis, com uma equação simples, em que este desejo é substituído pelo desejo de ter um filho do pai, já que só as mulheres podem ter filhos.

Diferente do menino que se utiliza da masturbação como descarga de energia sexual, segundo Freud (1925), a menina abandonará este ato como uma forma de se afastar da masculinidade, se manifestando contra a masturbação e se aproximando assim da feminilidade.

Deste modo, o pai torna-se o objeto de amor da menina. Gradativamente, com a interdição da lei e da moralidade, ela percebe que este desejo não poderá ser realizado e o abandona, afastando este desejo por esta relação incestuosa, entrando no período de latência.

“A respeito da relação existente entre os complexos de Édipo e de castração, existe um contraste fundamental entre os dois sexos. *Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.* Essa

contradição se esclarece se refletirmos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada.”

(Freud, 1925, p. 285)

Em outro artigo, *Sexualidade Feminina*, publicado em 1931, Freud enfatizou as diferenças no Édipo do menino e da menina, afirmando que neste último caso, há uma divisão em duas fases: uma troca do objeto de amor, ou seja, a identificação que inicialmente é com a mãe passa no Édipo a ser o pai, ao passo que há uma troca de zona sexual masculina para a feminina. Ou seja, inicialmente o clitóris, comparável ao pênis, é trocado na puberdade pela vagina, que nos primeiros anos de vida é “inexistente”. Assim, a troca de sexo de seu objeto de amor, corresponde à troca de sexo de sua zona genital.

Freud concluiu que a castração é fundamental neste cenário, já que nos meninos permite sua saída do Édipo e no caso das meninas sua entrada: enquanto o menino sai do Édipo pelo medo de perder o pênis, a menina entra no Édipo devido a inveja de possuí-lo, caracterizando assim, a construção do masculino e do feminino respectivamente.

#### **1.4 – Complexo de Édipo: núcleo da neurose X Proibição do Incesto: núcleo da Cultura**

Em uma tentativa de relacionar a descoberta da psicanálise com a origem da civilização, Freud recorreu a antropologia social para estudar a organização de povos primitivos, onde o homem era não só o detentor das mulheres, mas o modelo de potência e de lei.

Em *Totem e Tabu* (1913), Freud formulou algumas hipóteses sobre a relação e a centralização da lei edípica na passagem de uma vida primitiva e natural à criação da civilização, relacionando este processo ao que acontece com o ser humano, que detém no Édipo o centro de sua saída de um estado puramente biológico para tornar-se um sujeito desejante (instaurado pela neurose).

Ao estudar algumas tribos indígenas, Freud percebeu a importância simbólica da figura do *totem*, que por si só não possuía valor algum, mas que representaria algo de muito valor ao clã, como um líder ou um deus, por exemplo. Deus este que serve de referência para orientar esta tribo quanto a alguns comportamentos e costumes, como por exemplo: homenagem aos mortos, rituais de comemoração e passagens, confecção de objetos específicos e até leis que regem o relacionamento entre os membros da tribo e desta com outros povos. Hábitos e costumes que foram passados de geração em geração e que portanto, são a base desta organização social. A natureza estaria submetida a um tipo de cultura que define a situação deste povo e suas relações sociais.

Porém, a principal característica deste sistema e mais relevante aos estudos de Freud, era a lei contra as relações sexuais entre pessoas da mesma família. Utilizando-se do exemplo das tribos australianas, Freud (1913) afirmou que a exogamia (proibição de relações sexuais entre os membros do mesmo clã) era praticada. Diz ele:

“(...) esses selvagens têm um horror excepcionalmente intenso ao incesto, ou são sensíveis ao assunto num grau fora do comum, e que aliam isso a uma peculiaridade que permanece obscura para nós: a de substituir o parentesco consanguíneo real pelo parentesco totêmico”.

(Freud, 1913, p.25)

Além da definição do totem, Freud (1913) procurou estudar o termo *tabu*, que em algumas tribos é o núcleo do totemismo. Este termo se remete a algo sagrado (seja uma ação, comportamento com animais, ou seres humanos) proibido, perigoso e impuro; algo inacessível, expresso em proibições e restrições da sociedade, mesmo que sua origem não seja conhecida pelos integrantes e nem lhes passe pela cabeça questioná-la. Sendo que quem violar a

lei do tabu, ou seja, ultrapassar este limite entrando em contato com algo que seja tabu, torna-se automaticamente ele próprio um tabu, que então, não poderá receber o toque ou a fala de outro membro da tribo, já que este poderá servir de exemplo aos demais.

Porém, o interessante para Freud (1913), é que em conjunto com o tabu, ou seja, com a proibição, aparece o desejo inconsciente de realizá-lo, que o relaciona com o movimento neurótico obsessivo do tocar, por exemplo.

“(…) Ele deseja constantemente realizar esse ato (o tocar) [e o considera seu gozo supremo, mas não deve realizá-lo] e também o detesta. O conflito entre essas duas tendências não pode ser prontamente solucionado porque — não há outra forma de expressá-lo — elas estão localizadas na mente do sujeito de tal maneira que não podem vir à tona uma contra a outra. A proibição é ruidosamente consciente, enquanto o desejo persistente de tocar é inconsciente e o sujeito nada sabe a respeito dele. Se não fosse esse fator psicológico, uma ambivalência como esta não poderia durar tanto tempo nem conduzir a tais conseqüências.”

(Freud, 1913, p.47)

Deste modo, segundo Freud (1913), juntamente com a base do tabu que é a proibição, existe uma forte inclinação do desejo inconsciente de violá-lo, que pode ser deslocado para outra coisa.

“Os tabus, devemos supor, são proibições de antiguidade primeva que foram, em certa época, externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem ter estado relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação.”

(Freud, 1913, p.47)

Independente das diversas características e dos diversos tipos de tabus existentes e abordados por Freud em seu estudo é importante ressaltar que os tabus estariam ligados ao totem como forma de proteção à sua organização e sustentação, já que é ele que marca o sistema social e as relações de respeito e proteção entre os integrantes do clã.

Assim, ao se pensar novamente na exogamia e a conseqüente proibição do incesto presente no totemismo, afirmou que tanto o totemismo, como as psiconeuroses seriam produtos das condições em jogo no Complexo de Édipo.

“A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai e isto entra e, acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma ocasião festiva – com o fato de que ele é morto e, entretanto, pranteado. A atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta freqüência persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai.”

(Freud, 1913, p.145)

Para exemplificar tal afirmação, Freud descreveu uma situação mítica, partindo de uma cena de refeição totêmica: frente a um pai opressivo, dotado de poder e muitas mulheres, os filhos se uniram (já que não fariam nada individualmente) para destruí-lo: matá-lo e devorá-lo como verdadeiros selvagens e canibais que eram. Pai este que ao mesmo tempo em que era odiado por sua violência e tirania, tinha sua posição invejada por cada um de seus filhos, isto é, ao mesmo tempo em que odiavam o pai por representar um obstáculo aos seus desejos sexuais, o amavam e o admiravam.

Depois de realizada a ação e satisfeito o ódio em relação a este pai, após um lapso de tempo, a sua morte transformou os desejos de ocupar o seu lugar em culpa e remorso a todo grupo. O pai morto representava agora mais sentimentos do quando estava vivo e o grupo teve a necessidade de simbolizar o poder ilimitado do pai, que eles tanto haviam lutado. Cria-se um mito, um totem como substituto do pai, que deve ser preservado. Assim, os filhos renunciaram seu ato e abdicaram da posição antes ocupada pelo pai e até então desejada, assim como a relação com todas as mulheres, que agora estavam libertadas.

“Embora os irmãos se tivessem reunido em grupo para derrotar o pai, todos eram rivais uns dos outros em relação às mulheres. Cada um queria, como o pai, ter todas as mulheres para si. A nova organização terminaria numa luta de todos contra todos, pois nenhum deles tinha força tão predominante a ponto de ser capaz de assumir o lugar do pai com êxito. Assim, os irmãos não tiveram outra alternativa, se queriam viver juntos — talvez somente depois de terem passado por muitas crises perigosas —, do que instituir a lei contra o incesto, pela qual todos, de igual modo, renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai. Dessa maneira, salvaram a organização que os tornara fortes.”

(Freud, 1913, p.147)

Deste modo, a proibição do incesto obrigou os irmãos a renunciarem o lugar do pai, assim como o desejo de ter todas as mulheres para si. O tabu substituto do pai foi instituído para preservar a vida em grupo, para impedir que os desejos presentes no inconsciente se realizassem. A religião totêmica teria surgido a partir do sentimento de culpa e teria como finalidade impedir a repetição do ato que causara a destruição do pai real.

Segundo Freud (1913), este ideal também pode ser encontrado nas religiões, em que a idéia de Deus assume o controle de toda a vida representando um pai glorificado. Logo, a relação com Deus depende então da relação com o pai real e de todas as suas nuances. Relação esta que afetou diretamente as organizações sociais, de forma que a sociedade voltou a se organizar numa base patriarcal (famílias).

“A família constituiu uma restauração da antiga horda primeva e devolveu aos pais uma grande parte de seus antigos direitos. Mais uma vez apareceram pais, mas as conquistas sociais do clã fraterno não foram abandonadas; e a distância existente entre os novos pais de uma família e o irrefreado pai primevo da horda era suficientemente grande para garantir a continuidade do anseio religioso, a persistência de uma saudade não apaziguada do pai.”

(Freud, 1913, p.152)

Deste modo, segundo Kaufmann (1993), esta contribuição denota toda a dimensão do conceito do Complexo de Édipo para Freud, cujos desejos envolvidos são universais, frente as a história e as distintas culturas e religiões. O papel de supremacia do pai é destacado tanto para o início da civilização, como na construção da neurose. Trata-se do momento decisivo e mais elevado da sexualidade infantil, em que se atinge a estrutura neurótica, organizando este ser em torno da diferença entre os sexos e como este tema será tratado no decorrer de sua vida.

Freud (1913) finalizou:

“(…) Ao concluir, então, esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses.”

(Freud, 1913, p.158)

**CAPÍTULO II**  
**DA FORMULAÇÃO DO APARELHO PSÍQUICO À**  
**CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO**

Ao realizar a releitura da obra freudiana e com a freqüente preocupação em manter sua originalidade, Lacan evidenciou sua forma de pensar e trouxe a luz novas questões sobre a psicanálise. Ao mesmo tempo em que Freud utilizou conhecimentos da biologia e da física para estudar os sintomas de seus pacientes e assim criar a psicanálise, Lacan teve influências da lingüística estrutural, da matemática e da topologia ao rever sua teoria.

Para entendermos o olhar de Lacan sobre o processo de construção da neurose descrito por Freud, temos que, mesmo que brevemente, entender suas concepções sobre o homem e a psicanálise.

## **2.1 – Outro olhar sobre o Aparelho Psíquico**

Já na *Carta 52*, podemos perceber que Freud estudou o aparelho psíquico a partir de um modelo topográfico, ou seja, a partir de uma descrição minuciosa de cada região e das relações que elas mantêm entre si.

A primeira tópica do aparelho psíquico foi inspirada pela análise do conteúdo dos sonhos, e foi formalizada por Freud em 1900, no Capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Neste, Freud fez a distinção do *consciente*, *pré-consciente* e *inconsciente*, sistemas com características próprias de funcionamento, mas que juntos produzem a dinâmica do aparelho psíquico.

Entretanto, ao continuar seus estudos e se deparar com outras questões e patologias que emergiam na clínica, como por exemplo a psicose, Freud passou gradativamente, a elaborar uma nova concepção do aparelho psíquico, até que, em 1920 em *Além do princípio do prazer* e posteriormente em *O ego e o id* de 1923, ele estabeleceu a segunda tópica, modelo estrutural e sistemático do aparelho psíquico.

Diferente da primeira tópica, este modelo composto pelo *id*, *ego* e *superego*, sugerem um dinamismo, já que independente de cada sistema ter funções específicas isoladamente, estes são indissociados, interagem permanentemente e se influenciam reciprocamente. Em uma síntese, poderíamos descrever o *superego* como a instância da moral, herdeira do complexo de Édipo; o *id* como o reservatório inconsciente de energia pulsional, regido pelo princípio do prazer; e o *ego* como o mediador destas duas instâncias (reivindicações do *id* e os imperativos do *superego*) e as exigências do mundo externo.

Segundo Porge (2006), Lacan reconheceu esta teoria de Freud sobre o aparelho psíquico, principalmente a pertinência da segunda tópica. Entretanto, propôs um novo modelo do psiquismo, que veremos melhor explanadas adiante, onde as dimensões predominantes são: o *Imaginário*, o *Simbólico* e o *Real*.

Nestas Lacan recusou qualquer relação entre o ego e a realidade. Para o psicanalista, o ego se distingue como núcleo da instância *imaginária*. Com a introdução do *estádio do espelho*, ele enfatizou que o *eu* (ego) seria formado através de uma antecipação da criança em sua própria imagem identificada no olhar materno. Nesse instante, o eu é tomado por este imaginário, visto que o eu, como ainda não sabe o que é, acredita ser aquele a quem vê refletido. Esta imagem imaginária lhe proporciona antecipadamente uma percepção de unidade do corpo, que até então era vivido como fragmentado implicam numa alienação no desejo do outro.

Além disso, existe a instância *simbólica*, que dá acesso a fala através da linguagem e permite o acesso do sujeito à cultura; e uma instância *real*, que se

remete à existência, a um “fora de si”; não a um todo, mas sim aos fragmentos que escapam à simbolização.

## **2.2 – A importância da Linguagem**

Podemos destacar como uma marca que percorre toda obra lacaniana seu olhar sobre a linguagem. Do mesmo modo que Freud considerava o sonho a via de acesso ao inconsciente, para Lacan, seu acesso se dá através da linguagem. Para tanto, autor teve influências antes não associadas à psicanálise, como os conceitos de Saussure, fundador da Lingüística Estrutural, que identifica a linguagem como central a cultura e portanto, fundamental para a diferenciação da espécie humana.

Entretanto, esta relação com a linguagem não é nova na psicanálise, já que Freud também evidenciou a importância da fala e da simbolização em sua obra. Em 1893, ainda nos estudos com Breuer, podemos encontrar no artigo *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar*, a menção da importância da linguagem e até um esboço sobre a relação simbólica estabelecida na histeria.

Freud percebeu que as palavras substituíam os sintomas de suas pacientes histéricas, funcionando em forma de desabafo, onde a palavra serviria de intermédio entre o afeto e o sofrimento. Ao realizar um contraste entre conexões simbólicas e associativas dos sintomas histéricos, disse-nos Freud:

“Em outros casos [de histeria] a conexão causal [entre o evento precipitador e o sintoma] não é tão simples. Consiste apenas no que se poderia denominar uma relação “simbólica” entre a causa precipitante e o fenômeno patológico – uma relação do tipo do que as pessoas saudáveis formam os sonhos.”

(Breuer e Freud, 1893, p. 41)

Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud apontou a importância da relação de uma imagem com o significado na formação de um sonho. Este por sua vez, para ser desvendado, deve ser interpretado através da associação livre somada a apreensão do significado de cada elemento do sonho, que estará ligado a uma série de associações ou a uma cadeia de pensamento. Decodificação esta realizada pelo analista em parceria com o paciente.

De acordo com Forrester (1983) esta formulação nos permite pensar que Freud reconheceu que os sintomas são estruturados como uma linguagem, na medida em que somente podem ser decodificados quando são expostos através das palavras; a verbalização permite eclodir recordações recalcadas no inconsciente e assim quem sabe, possibilitar que o sujeito possa elaborá-las e reduzir seu sofrimento.

No artigo *Função e campo da fala e da linguagem* de 1953, Lacan aponta que a linguagem é formada por diferentes e diversos símbolos que apontam para determinada cultura. Trata-se de um conjunto de leis próprias e tradições, transmitido de geração a geração. É um campo simbólico constituído por leis, costumes e regras que formam um código de comunicação diferente para cada povo. Isto significa que a estrutura da linguagem já existe antes da entrada do ser a ela.

“A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela nos faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém.”

(Lacan, 1953, p. 322)

Neste conceito, o valor de cada elemento desta cultura não é dado simplesmente pelo que ele é por si só, mas, sobretudo pela posição que ele ocupa frente os demais elementos do conjunto. Trata-se de um símbolo que traz certa lógica em suas combinações para aquela determinada cultura. Deste modo, longe de ser mais uma capacidade adquirida pelo homem em seu desenvolvimento, a linguagem torna-se uma estrutura capaz de transformar o

ser humano em um sujeito do desejo, que interroga o mundo, sua existência, a significação dos objetos e as pessoas que o rodeiam.

“Os símbolos efetivamente envolvem a vida do homem numa total rede tão qual conjugam, antes que ele venha ao mundo, aqueles que irão gerá-lo ‘em carne e osso’; trazem em seu nascimento, com os dons dos astros, senão, com os dons das fadas, o traçado de seu destino; fornecem as palavras que farão dele um fiel ou um renegado, a lei dos atos que o seguirão até ali onde ele ainda não está e para-além de sua própria morte (...).”

(Lacan, 1953, p. 280)

O ser orgânico é transformado e inserido no mundo através de todos os símbolos que ele apresenta. O corpo passa a ser decifrado pela palavra indo além da função orgânica, passando a ter diversos significantes. O real é incorporado pelo simbólico, que por sua vez, se remete ao que a linguagem faz sobre a carne, esvaziando a carne de gozo (como era inicialmente, puro prazer) para transformá-la em corpo humano. Deste modo, para a cultura o corpo só será corpo quando for incorporado pela linguagem, pelo conjunto de significantes, de materialidade e significados que serão sempre imaginários.

“A função da linguagem não é informar, mas evocar. O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é a minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder.

Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto. O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que me estou transformando.”

(Lacan, 1953, p. 301)

Deste modo, como nos diz Nasio (1995), Lacan passa a se referir a linguagem como o *grande outro*, ou simplesmente *Outro* (com *O* maiúsculo), já que é a linguagem que pode dar existência a alguém

mesmo antes de seu nascimento e até depois de sua morte. Não é que o eu constitua um Outro a partir de si, mas sim, que se existir um eu, este será resultado do efeito deste Outro. A imagem do ser será constituída no Outro e pelo Outro através da linguagem.

“Constitutivamente, é no outro e pelo outro que aquilo que quero me é revelado, é pela invasão que o outro comete, em resposta a esse movimento constitutivo do meu ser, que tenho uma relação daquilo que posso querer”.

(Nasio, 1995, p. 266)

Lacan (1953), ainda utilizando os conceitos de Saussure, explicará detalhadamente o que seria a cultura, baseada em seu campo de significações. Para ele, palavras são signos e portanto, compostas de duas partes: o *significante* (imagem acústica, som e fonema) e o *significado* (imagem mental, sentido que é atribuído a um som). Neste processo, as palavras não dão apenas um nome a algo real; mais do que a existência, nomear significa dar consistência e gerar uma estrutura. Logo, a significação é a atribuição de um significado a um significante; é uma relação de associação; é a compreensão do significante através do significado.

Ao escolher uma palavra, milhares de outras possibilidades são excluídas. Há uma escolha inconsciente à seqüência da fala, já que o que o significante representa sob o significado, é resultante das marcas do sujeito que fala. O valor que é atribuído ao signo é o que o torna real e concreto. Além disso, o sentido de um signo lingüístico depende de sua seqüência, ou seja, do que se quer dizer, do contexto, do mesmo modo que o símbolo se remete à cultura instituída. Afirmou Lacan no seminário *Da imagem ao significante*, de 1958:

“Um signo não se caracteriza unicamente por sua relação com a imagem, na teoria dos instintos. Não é o tipo de engodo que possa bastar para despertar a necessidade, mas tampouco para satisfazê-la. Ele se situa numa certa relação com outros significantes – por exemplo, com o significante que lhe é diretamente oposto, e que expressa sua ausência. Ele se situa num conjunto já organizado como significante, já estruturado na relação simbólica, na medida em que aparece na conjunção de um jogo da presença com a ausência, da ausência com a presença – um jogo, por sua vez, comumente ligado a uma articulação vocal em que já aparecem elementos discretos, que são significantes.”

(Lacan, 1958, p. 228)

Assim, a significação é arbitrária e aleatória. É uma relação frouxa que se constitui e se mantém frente a uma necessidade social, frente à cultura. A relação entre significante e significado permite mudanças e deslocamentos, assim como um mesmo significante pode estar associado a inúmeros significados.

De acordo com Porge (2006), assim como descritos por Freud em *A interpretação dos sonhos*, cujos principais mecanismos dos sonhos, que resultam na formação dos sintomas, seriam a *condensação* e o *deslocamento*, Lacan afirmou que os significantes também podem ter diferentes movimentos de conexão. A primeira operação notada por Freud se remete a substituições que podem ou não ter características contraditórias; enquanto o deslocamento fala de um movimento em que diferentes pensamentos inconscientes se misturam como ponto central.

Lacan não deixou de lado estas duas operações do trabalho do sonho, mas ao descrever as características dos significantes descreve outros dois movimentos equivalentes aos descritos por Freud: a *metáfora* e a *metonímia*, respectivamente. A primeira se remete a um movimento de substituição de significantes, enquanto que a metonímia trata da ligação de um significante no outro em uma

espécie de cadeia. Estes movimentos são permanentes e impulsionados pelo inconsciente a procura de satisfação.

Para Lacan (1953) o inconsciente se manifesta através da fala, na produção ativa e constante de significantes e deste modo relacionou esta concepção ao que Freud descreveu como característico do conteúdo inconsciente na *Interpretação do Sonhos*, ou seja, esta arbitrariedade e possibilidade de desvios e novas amarrações entre representações e afetos. Por este motivo, Lacan elevou o conceito de inconsciente à categoria de uma linguagem, cuja estrutura é baseada no significante. Ambos inconsciente e linguagem são formados por conteúdos arbitrários cuja principal característica é a possibilidade de deslocamentos e novas associações.

### **2.3 – Entrada de Lacan na psicanálise: Estádio do Espelho**

Lacan fez sua entrada no meio psicanalítico com a apresentação do artigo *O Estádio do Espelho como formadora da Função do eu* no Congresso Internacional de Psicanálise realizado em 1936. Porém, este foi publicado apenas em 1949 após apresentação realizada em Zurique. Mesmo sem ter o eco esperado no momento, este artigo se tornou fundamental à sua teoria, já que evidencia e enfatiza a relação construída nos primeiros anos de vida, bem como a importância da linguagem, representada neste primeiro momento pelo olhar e desejo do outro, na construção do sujeito.

Para Lacan (1949), ao nascer o ser humano está despreparado para enfrentar e sobreviver no mundo devido às restrições e insuficiência de seus recursos, tanto psíquicos como motores. Esta condição de desamparo e

imaturidade impõe a presença de um outro que garanta sua sobrevivência. Logo, a mãe ou a pessoa que cumpre esta função será responsável por seus cuidados iniciais e por sua inserção simbólica no mundo.

Cabe destacar, que este bebê já é reconhecido e já possui um lugar para a mãe mesmo antes de seu nascimento, já que é ela quem lhe dá um nome, que lhe compra roupas, que imagina seu rosto e contorno, que lhe faz existir mesmo antes que ele possa reagir a tudo isso. Mais que a herança genética, esta criança vem ao mundo para dar continuidade a uma história já escrita. Ao nascer ela herdará simbolicamente as marcas e experiências significativas já existentes em sua família, que foram passadas de geração a geração.

Além disso, a história do casal, como foi vivida e recebida a gravidez e até as circunstâncias do parto irão influenciar no desejo da mãe por este bebê e conseqüentemente, no lugar que esta criança ocupará após seu nascimento e em como serão interpretadas suas manifestações.

Assim, ao nascer, a mãe possibilita a sobrevivência do bebê enquanto ser puramente biológico, já que ela identifica e lê suas necessidades, diz o que está acontecendo, se ele está com fome, com sede ou com frio. É ela que decodificará seu choro, de forma que sua necessidade biológica se transforme em demandas já articuladas em significados. Ou seja, antes que o bebê compreenda o que lhe é dito e possa falar, já existe alguém que fala por ele, o inserindo em inúmeras relações simbólicas.

Para sobreviver e sair desta posição de desamparo, o bebê por sua vez, passa aos poucos a responder a este estímulo materno, se posicionando do lugar em que é desejado; só assim poderá obter satisfação. Isto é, este bebê responde como objeto de desejo de sua mãe, que por sua vez o sente como parte de si, em uma espécie de alienação.

Como nos diz Nasio (1995), é esta alienação do bebê à relação com a mãe, que permitirá a saída deste bebê de uma condição de desamparo para sua entrada no mundo simbólico. Além de responder as necessidades básicas de seu bebê garantindo sua sobrevivência, é o olhar da mãe que dará contorno ao corpo despedaçado do bebê, viabilizando através de seu desejo, o acesso à linguagem

e a cultura. Inconscientemente, a mãe abre as portas para que a subjetivação aconteça, onde todos os objetos de desejo como por exemplo, o seio, o olhar, o toque, a voz, o prazer e a dor sustentam e mantêm o desejo nesta relação. É a partir do desejo da mãe, que a criança saberá o que desejar.

Podemos fazer uma correlação com este artigo e o conceito do estágio do espelho à passagem do auto-erotismo ao narcisismo primário descrito por Freud em 1914 no artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução*, em que há uma explanação de que o narcisismo será constituído através da herança do desejo parental, ou seja, pelo investimento do desejo e do ideal dos pais. Freud esclareceu que o nascimento de um filho é o encontro deste novo ser narcísico com o renascimento do narcisismo dos pais. Trata-se da atribuição que os pais dão a seu filho, que remete a seus próprios desejos, assim como um ideal, isto é, a projeção desta criança em alcançar todos os sonhos aos que eles renunciaram, garantindo de certa forma, sua extensão e imortalidade.

O corpo da criança vai sendo construído através do desejo e do olhar materno. Assim como descrito por Freud em 1905, Lacan ressaltou que o olhar, a voz e o toque da mãe erogenizam o corpo do bebê, trazendo satisfação. Estas experiências particulares de prazer ligadas a cada parte de seu corpo (boca, olhos, anus, por exemplo) marcam este bebê permitindo que seu corpo seja simbolizado, ao mesmo tempo em que através do desprazer o bebê percebe que sua mãe não faz parte de seu corpo. Por exemplo, ao sentir fome (desprazer) o bebê percebe que o seio que o alimenta não pertence ao seu corpo, mas sim a algo externo, ao corpo de sua mãe.

Lacan (1949) enfatizou que o estágio do espelho é o momento, a cena, que propicia ao bebê a saída desta espécie de unidade com a mãe, passando a possuir uma imagem própria. A partir do olhar materno, da confirmação fornecida pelo adulto, a criança tem a possibilidade de se reconhecer.

“Basta compreender o estágio do espelho como *uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência de amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* paracer-nos-á, pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o (*eu*) se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhes restitua, no universal, sua função de sujeito.”

(Lacan, 1949, p. 97)

A imagem especular possibilitará a ilusão de completude deste ser, que agora passa a se ver como diferente de sua mãe, mesmo que ainda seja regido por seu desejo. Assim, o estágio de espelho, descrito por Lacan, é um acontecimento que provocará uma identificação a esta imagem materna e mesmo que a criança desconheça sua realidade orgânica, ela verá uma imagem organizada e unificada de si, antecipando o controle da motricidade do corpo. Seu corpo que até então estava fragmentado em pedaços passa a ter um contorno, uma forma.

“Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o estágio do espelho é uma drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida, todo seu desenvolvimento mental.”

(Lacan, 1949, p. 100)

Sendo assim, segundo Nasio (1995) o eu chega atrasado, já que o ser existe antes mesmo de começar a pensar, antes de sua determinação social. Este é o corpo imaginário para Lacan, já que o Outro, apresentado pela imagem materna é tomado como referência

imaginária para o processo de identificação e constituição da subjetividade.

“(...) eu como criança, só conseguirei encontrar uma solução para o tal estado de desamparo por intermédio de uma precipitação, pela qual antecipo o amadurecimento de meu próprio corpo, graças ao fato de que me atiro na imagem do outro que encontro como que por milagre diante de mim. Essa precipitação na imagem do outro, é esse o meu recurso para conseguir sair de minha prematuração neonatal”.

(Nasio, 1995, p. 265)

De acordo com Lacan (1949) é esta identificação que liga o eu, consciente, a situações socialmente elaboradas. O eu que nunca vem sozinho, aparece sempre com um eu ideal, que é o que se reflete no desejo do Outro. É neste momento que o ser humano vai buscar o desejo do outro, para que assim possa se constituir. Seu desejo é o desejo do outro, em duplo sentido, ou seja, ser desejado pelo outro e tomar o desejo do outro como seu. Este em um primeiro momento será o desejo materno.

Podemos concluir, retomando novamente o artigo de Freud de 1914, para pensar que Lacan completou uma lacuna deixada no artigo, já que o criador da psicanálise reconhece o movimento do indivíduo em sair de sua condição fragmentada, onde a libido está destinada ao próprio ego, para um cor *Michaelis Dicionário Moderno da Língua Portuguesa (2009)*po único que investe em objetos internos, porém não esclarece os motivos desta separação, levantando apenas hipóteses e reflexões.

## **2.4 – Constituição do Sujeito**

Ao realizar a releitura da obra freudiana, Lacan introduziu novos termos e conceitos no processo de constituição da subjetividade, não abordados por Freud. O termo *sujeito* é o primeiro que se destaca, já que apesar de ser bastante utilizado por Lacan, nunca foi utilizado (enquanto conceito) por Freud.

De acordo com Odgen (1996) o termo *sujeito* está etimologicamente ligado ao termo *subjetividade* e portanto, propõe que este tenha função de sujeito e objeto. Isto é, sujeito enquanto o eu que fala, lê, escreve e se relaciona e ao mesmo tempo em que é objeto da subjetividade, de uma idéia que é considerada, do que está sendo visto, entre outros. Assim, ele nunca estará somente centrado nele mesmo, nem totalmente posto como objeto.

De acordo com Kaufmann (1996), para Lacan este termo remete a um ser falante, marcado por uma falta, que interroga na linguagem a sua existência, ao mesmo tempo em que é “agente (da fala) e suporte (da estrutura)” (p. 502).

Definição que possui relação direta com a própria descrição do termo na língua portuguesa, ou seja, segundo *Michaelis Dicionário Moderno da Língua Portuguesa* (2009) o termo *sujeito* remete às seguintes definições: que se sujeitou ao poder do mais forte; dominado; escravo; súdito; submisso; que se sujeita facilmente à vontade de outrem; que se conforma; que se deixa guiar por outrem ou por alguma coisa; domado, escravizado; dependente; submetido; que está naturalmente disposto, inclinado ou habituado a alguma coisa.

Retomando a consideração de Kaufmann (1996), o termo proposto por Lacan, fala de um ser que sofre à marca da interdição do incesto, que se submete à lei da castração. Passa então a ser domado por sua falta e conseqüentemente subordinado por seu desejo.

Podemos relacionar esta descrição, não só à definição do termo no dicionário da língua portuguesa, mas como já falado acima, à

descrição da estrutura da neurose para Freud: ser sujeito é possuir uma estrutura neurótica.

Vale ressaltar, que o termo *estrutura*, já utilizado por Freud, também é bastante postulado por Lacan em sua obra, a partir do trabalho de Levi-Strauss. Estrutura como um conceito que se refere à conclusão ou não do processo de constituição da personalidade. Esta não é apenas um conjunto de elementos distintos, mas elementos que são associados por uma lei que os opera, que é a lei primordial da proibição do incesto. Para tornar-se sujeito, ou ter a estrutura neurótica, deve necessariamente ocorrer a marca da castração simbólica.

Além de mencionar o termo *sujeito e estrutura*, o próprio termo *constituição* enquanto processo de formação e estruturação psíquica, assim como proposto por Lacan em sua obra, é diferente do pensamento do criador da psicanálise. Para Freud *constituição* se remete ao conteúdo genético herdado de geração em geração, ou seja, a componentes hereditários.

Podemos confirmar este ponto de vista através de uma conferência realizada em 1917, em que Freud falou sobre as séries complementares para construção dos fenômenos. Neste, afirmou que o *fator constitucional* da sexualidade é composto pelos componentes hereditários (experiência pré-histórica) somadas as experiências infantis.

“As disposições da constituição também são indubitavelmente efeitos secundários de experiências vividas pelos ancestrais no passado; também elas, em alguma ocasião, foram adquiridas. Sem essa aquisição não haveria hereditariedade”.

(Freud, 1917, p. 364)

De acordo com *Michaelis Dicionário Moderno da Língua Portuguesa* (2009) o termo *constituição* tem como uma de suas definições: ação ou efeito de constituir; organização; formação; coleção de leis ou preceitos que regem uma corporação, uma instituição; lei fundamental que regula a organização política de uma nação soberana; ordenação; regra.

Esta definição da língua portuguesa pode ser relacionada diretamente à teoria de Lacan, principalmente a aceção de que constituição remete a uma *lei fundamental que regula a organização de uma nação*, visto que para o autor, assim como para Freud, a lei que rege a constituição do sujeito é a castração proporcionada pela relação edípica.

Nos artigos publicados a partir dos seminários de Lacan realizados em 1958 agrupados sob o título de *Lógica da Castração*, podemos observar que ao realizar um retorno à teoria freudiana sobre o Complexo de Édipo, Lacan utilizou diferentes influências e termos para escrever sobre um mesmo processo.

Para ele a função do pai no Édipo, assim como é para Freud, é central à neurose por interditar simbolicamente o desejo da criança frente ao desejo materno, implantando a mensagem da Lei. Disse-nos Lacan (1958, p. 171): “Não existe a questão do Édipo quando não existe pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai.”

Para falar sobre esta marca primordial, Lacan (1958) dividiu as fases da sexualidade infantil descritas por Freud (1905), bem como as relações que a criança estabelece desde seu nascimento e até a marca deixada pelo complexo de Édipo em *três tempos lógicos*, cuja conclusão definirá a estrutura psíquica deste ser, isto é, a forma como será constituída sua subjetividade. Neste processo de constituição, o ser sairá de uma condição puramente biológica para entrar em um cenário de significações; tornando-se sujeito.

Antes de iniciar a descrição dos três tempos do Édipo, descritos por Lacan em 1958, cabe lembrar dois pontos importantes: primeiro que estes

tempos não são forçosamente cronológicos, mas por serem tempos lógicos, advém em certa sucessão.

Outro ponto fundamental é que assim como para Freud, o que Lacan propõe é que mesmo que desde pequena a criança perceba a diferença fisiológica entre meninas e meninos, o que estará em jogo no processo de constituição é a representação acerca do órgão masculino. Ao perceber a diferença entre os sexos, automaticamente surge à noção de falta, já que no imaginário da criança o órgão sexual feminino só é diferente do masculino já que lhe falta alguma coisa. Assim, o real, ou seja, a falta do pênis na menina e o medo de perder o pênis no menino possibilitam a construção imaginária do *falo*. O *falo* é construído para sustentar esta diferença anatômica tida como falta.

De acordo com Nasio (1997) o termo *falo* raramente foi utilizado por Freud em sua obra. Ele mantém a utilização do termo *pênis*, para designar a parte ausente no corpo da menina e ameaçada no corpo do menino. Utilizou apenas *estágio fálico* ao falar da sexualidade infantil. Coube a Lacan instituir o termo *falo* e reservar o termo *pênis* para designar o real do órgão masculino. Porém, mesmo com a diferença entre os termos, não há mudança de conceito, ou seja, apesar de não usar o mesmo termo que Lacan, Freud sempre se esforçou para deixar claro que o pênis que citava era diferente do real do órgão.

Lacan evidenciou esta idéia em seu artigo *A significação do falo* de 1958b:

“O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco, é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau, etc), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis, ou clitóris que ele simboliza. (...) ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante.”

(Lacan, 1958b, p. 696)

Neste artigo Lacan afirma que o falo remete ao desejo do sujeito, que como não pode ser exposto pela linguagem fica alienado. Trata-se de uma demanda manifestada pela relação primordial com a mãe em que há um

encontro com o desejo do Outro e portanto com o próprio desejo. Assim, se o desejo da mãe é o falo, o bebê quer ser este falo para satisfazê-la.

Segundo Dor (1989), o falo representará para o imaginário da criança a autoridade, a lei, já que sua referência não é a castração via pênis, mas sim a referência ao pai, que na triangulação edípica assume a função de mediação na relação da criança com a mãe e da mãe com a criança.

Desta maneira, para Lacan (1958b) ser o significante do desejo do Outro é o que está em jogo para a criança no Édipo. Este ocorrerá em torno da localização do falo no desejo da mãe, da criança e do pai, assumindo nesta triangulação a dialética de presença e ausência em torno do falo, ou seja, sob a forma de *ser* ou *ter* o falo.

“Aí se assina a conjunção do desejo, dado que o significante fálico é sua marca, com a ameaça ou a nostalgia da falta-a-ter. Evidentemente, é da lei introduzida pelo pai nessa seqüência que depende seu futuro. Digamos que essas relações girarão em torno de um ser e de um ter que, por se reportarem a um significante, o falo, têm o efeito contrário de, por um lado, dar realidade ao sujeito nesse significante e, por outro, irrealizar as relações a serem significadas.”

(Lacan, 1958b, p. 701)

De acordo com os seminários realizados por Lacan em janeiro de 1958, intitulados como *Os três tempos do Édipo* (I e II), após seu nascimento, a criança é o falo da mãe. Esta por sua vez, se apresenta como ser primordial, responsável por ler e identificar os movimentos esboçados pelo bebê. É através do desejo deste ser primordial que a criança sabe o que desejar: o desejo da criança passa a ser o desejo da mãe. Como vimos anteriormente, é esta unidade narcísica entre mãe e bebê que configuram o estádio do espelho e o primeiro tempo do Édipo para Lacan.

Na relação com a mãe há o acesso e a ausência desta mãe, isto é a mãe é chamada quando não está presente e quando está é afastada para que seja possível convocá-la novamente, evidenciando a existência de algo da ordem simbólica que possibilitará que a criança identifique o objeto de desejo da mãe, ou seja, o falo, já instaurado no mundo simbólico. Assim, ela só terá acesso ao

falo, na medida em que perceber que este é o objeto de desejo da mãe. Afirmou Lacan:

“Esse algo mais, que é preciso que exista, é exatamente a existência, por trás dela, de toda a ordem simbólica que ela depende, e a qual, como está sempre mais ou menos presente, permite um acesso ao objeto de seu desejo, o qual já é um objeto tão específico, tão marcado pela necessidade instaurada pelo sistema simbólico, que é absolutamente impensável de outra maneira quanto à sua prevalência. Este objeto chama-se falo.”

(Lacan, 1958, p. 189)

Devido a esta espécie de alienação da criança com o desejo materno, enquanto Outro primordial, ou seja, enquanto o outro capaz de introduzi-lo no mundo simbólico, Lacan o chamará de *assujeito*.

“(...) digo que a criança se esboça como *assujeito*. Trata-se de um sujeito porque, a princípio, ela se experimenta e se sente como profundamente assujeitada ao capricho daquele de quem depende, mesmo que esse capricho seja um capricho articulado.”

(Lacan, 1958, p. 195)

Para que o bebê não fique puramente assujeitado ao desejo materno é necessário que alguém ou alguma coisa apareça para interceptar esta relação. Encontramos neste momento a entrada do pai nesta relação, mesmo que ainda não totalmente desvendado para a criança. Este é o segundo tempo do Édipo.

A mãe continua sendo para o bebê um Outro absoluto, sendo que o que completa a ela não é mais ele e sim este terceiro; é o pai quem priva a mãe no plano imaginário. Assim, o bebê continua assujeitado ao desejo materno, ao passo que o pai passa a aparecer para ele por intermédio da mãe. Está neste momento, o primeiro aparecimento da lei, vez que é por intermédio do pai, que a mãe passa a desempenhar um papel de proibidora para o filho.

“A mãe, (...) é proibidora, desempenha um papel castrador que poderíamos ver atribuído ao pai no plano real, diz-lhe: Não mexa aí, isso é nojento – o que não a impede, no plano prático, de deixar o filho entrar em sua intimidade, e não apenas de lhe permitir que exerça a função de seu objeto imaginário, mas de encorajá-lo a isso. Ele, com efeito, presta-lhe os melhores serviços, encarna perfeitamente o falo para ela, e assim se vê mantido na posição de assujeito.”

(Lacan, 1958, p. 199)

De acordo com Lacan (1958), o terceiro tempo lógico do Édipo é a castração. Porém, expandindo a teoria freudiana, ele acrescentou que a castração não é realizada somente pela angústia resultante da ameaça em perder o pênis no menino, nem pela constatação de falta e a posterior inveja do pênis na menina. Para o psicanalista, o que está em jogo na castração é a separação entre a mãe a criança, é a cisão deste vínculo imaginário.

Como vimos anteriormente, Freud sinalizou que com a marca da falta do pênis, o desejo de toda mulher é ter o falo, ou seja, ter o que irá completá-la. Assim, a idéia de ter um filho, possibilita à mulher à compreensão imaginária de completude. Logo, para Lacan, a relação imaginária que se estabelece a partir do nascimento de um filho é de que a mãe possui o falo, assim como o bebê acredita sê-lo.

“O pai intervém em diversos planos. Antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto.”

(Lacan, 1958, p. 174)

Segundo Lacan (1958), o ato castrador, cujo agente é o pai ao representar a lei da proibição do incesto, incide não exclusivamente sobre a criança, como enunciado por Freud, mas sobre este vínculo, esta relação. A castração acontece quando o pai intercepta esta relação, advertindo a mãe de que o filho não é parte de si e que não

pode reintegrá-lo em seu ventre, ao passo que interdita o amor e o desejo de posse do filho à mãe. O pai é revelado como real e potente, isto é, é ele quem pode dar a mãe o que ela deseja. Assim, representando a lei simbólica, o pai embarga esta relação: a mãe é castrada de ter o falo, assim como o filho de sê-lo.

Da realização destes três tempos, dá-se a instauração do recalque e o indivíduo passa a ser sujeito desejante; o gozo fica sobre o recalque, perde a posição de objeto de onde ele tinha o gozo. Desta posição perdida ele ganha o desejo, que será responsável por um movimento de busca.

Segundo Porge (2006) foi em um de seus primeiros seminários, ao estudar sobre *o homem dos lobos*, que Lacan fez a primeira menção às três diferentes funções do pai, já que o Significante Nome-do-pai sustenta a tríade do real, simbólico e imaginário (RSI), visto que no processo de constituição, o pai se distingue entre estas posições: pai real, pai imaginário e pai simbólico. Neste o psicanalista alegou que onde há uma falha no pai real existe um apelo ao pai simbólico, ao passo que se a falha é no pai simbólico, surge o pai imaginário.

Lacan (1958) afirmou que a ameaça de castração pode ser decifrada através de três patamares, onde a castração é um ato simbólico, cujo agente da intervenção é real (mãe ou pai) e cujo objeto é imaginário (o falo). Por outro lado, neste cenário, o pai frustra o filho ao interditar a mãe como seu objeto de desejo, visto que é ele que a detém como seu objeto de desejo. Neste ponto, este pai simbólico propõe uma interdição imaginária frente a um objeto real, a mãe.

Em um terceiro nível, essencial para dissolução edípica, está a substituição da identificação da mãe pelo pai. Trata-se de um significante que substitui outro significante. A partir da privação do objeto simbólico, ou seja, do corte realizado pela castração, a criança estabelece uma identificação com um pai imaginário detentor do falo, que se torna ideal de ego. Trata-se de um pai ameaçador que reprova o filho ao mesmo tempo em que contribui para sua saída da triangulação edípica: instaura o recalque e a formação do supereu, descrito por Freud.

Deste modo, o pai assume três funções na triangulação edípica, simplificados pelo quadro abaixo:

<b>AGENTE</b>	<b>FALTA DE OBJETO</b>	<b>OBJETO</b>
Pai real	Castração (simbólica)	Imaginário
Pai simbólico	Frustração (imaginária)	Real
Pai imaginário	Privação (real)	Simbólico

Para o psicanalista é neste momento que acontece o caráter metafórico da função paterna, ou seja, o pai vem no lugar da mãe, proporcionando assim a dissolução edípica, vez que a criança percebe sua falta e passa a ver o falo como objeto.

“É na medida em que o pai se o torna ideal do eu que se produz na menina o reconhecimento de que ela não tem o falo. Mas isso é o que há de bom para ela – ao passo que, para o menino, seria um resultado absolutamente desastroso, e as vezes é. (...) Em outras palavras, no momento da saída normatizadora do Édipo, a criança reconhece não ter – não ter realmente aquilo que tem, no caso do menino, e aquilo que não tem, no caso da menina.”  
(Lacan, 1958, p. 179)

Para Lacan (1958), nesta relação triangular, o pai, que passará de objeto fálico e rival para o detentor do falo, representará através da castração simbólica o *pai simbólico*, o significante da lei para a criança, já que é ele quem possibilita o recalque.

De acordo com Porge (2006), o pai simbólico, diferente do pai imaginário (que priva) e do pai real (que castra), não é agente de nenhuma operação. O pai simbólico não está em parte alguma, se caracteriza pela oposição entre ausência e presença do pai real para a criança. Trata-se de um significante, efeito da própria linguagem, que Lacan distingue como *Nome-do-pai*, evidenciando a importância de sua função simbólica.

Segundo Lacan (1958), o *Significante Nome-do-pai* é essencial para a entrada deste ser na cadeia significante, já que funda uma falta neste ser impondo outro significante no sujeito, instituindo assim a castração. Por este motivo, Lacan nomeou a função do pai no Complexo de Édipo, como *Metáfora Paterna*, visto que, independente de em sua referência real ser o genitor, é seu nome que possui certa significação que será transmitida à criança.

Vale enfatizar, que Freud também apontou a importância do pai simbólico em sua obra, ao falar em *Totem e Tabu* (1913) sobre a importância do pai morto para a horda. Não era o pai vivo, o pai real que despertava sentimentos tão ambíguos e complexos aos filhos, mas sim o pai morto e matado por sua própria cria, que transformado em totem passou a ser conservado e respeitado por toda horda.

Deste modo, na dissolução edípica, o significante *Nome-do-pai* substitui o significante do desejo da mãe, resultando em uma metáfora que possibilita à criança tornar-se sujeito do desejo. Esclarece-nos Dor:

“Na medida em que há o falo, o pai não é mais aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo. Ao contrário, porque ele é detentor suposto do falo, ele o reinstaura no único lugar em que ele pode ser desejado pela mãe. A criança, tal como a mãe, encontra-se então, inscrita na dialética do ter: a mãe que não tem o falo pode desejá-lo naquele que o detém: a criança, igualmente desprovida, poderá também cobiçá-lo lá onde ele se encontra.”

(Dor, 1989, p. 88)

A castração rompe a ilusão de possuir uma onipotência imaginária e o falo passa a ser permutável. A lei e o falo são instâncias que estão acima de qualquer indivíduo e esta percepção é estruturante para a criança, já que possibilita o recalque. Este marca a passagem automática do real do corpo para o processo de simbolização proposto pela linguagem: a partir deste momento, o simbólico substituirá o objeto perdido. Deste modo, a criança é conduzida a colocar-se como sujeito e não mais apenas como objeto do desejo do Outro.

Para Lacan (1958) é a partir desta marca simbólica introduzida pelo pai, que a criança, independente do sexo, torna-se um ser barrado, incompleto e que portanto poderá deslocar seu desejo para objetos substitutivos ao objeto perdido. A criança, a mãe e o pai deixam de ser o falo, como eram no primeiro e segundo tempo, bem como a mãe e o pai deixam de ser a lei. O falo passa a ser algo que poderá se *ter* e não algo que se *é*, podendo então, se permear para o sujeito frente as inúmeras possibilidades que aparecem na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção psicanalítica de sujeito para Freud está na dialética entre conteúdos conscientes e inconscientes ao passo em que esta relação é construída com e a partir do outro na relação edípica, o que, como vimos, propõe a transposição do ser biológico à barreira do recalque.

Com a compreensão do complexo de Édipo, Freud narrou que cada ser humano revive nos primórdios da infância em meio a sua família, o processo de inserção na cultura através da proibição do incesto.

Guardadas as distintas contribuições, já exploradas anteriormente, é indiscutível que o conceito do Édipo para Lacan é tão importante e central para o sujeito como para Freud. Para ambos, é este estágio de triangulação com a figura materna e paterna que possibilita ao ser biológico sua entrada e ascensão no mundo simbólico. É a marca simbólica proposta pelas figuras parentais, que registra a lei primordial e aponta para a inscrição deste ser na civilização.

Ambos teóricos destacam inicialmente a figura materna como fundamental para possibilitar este cenário à criança. Assim como não é ao nascer que um ser se torna sujeito, não é toda mulher que está preparada para cumprir a função materna. Não se trata apenas de cuidar e alimentar seu bebê, mas sim e antes de tudo, desejar ter um filho. É necessário que exista na mãe uma falta real, que sustente seu desejo e a vontade de ter um filho, que neste caso aparece como objeto fálico capaz de completá-la enquanto mulher, evidenciando sua feminilidade. Moderna, antiga, autoritária ou liberal, o que está em jogo é o desejo materno e as expectativas que são projetadas e esperadas por esta criança.

É através de sua própria inscrição na cultura, que a mulher poderá como mãe, cumprir a função de inserir a criança no mundo simbólico. Ao passo que é igualmente necessário que esta criança se distancie do desejo materno, fazendo com que a mãe questione se este filho realmente poderá completar o que lhe falta. É neste momento de rompimento desta relação dual, que a psicanálise destaca a função paterna.

Cabe destacar, que diferente de alguns psicanalistas posteriores a Freud, como Melanie Klein e Winnicott que destacaram o papel da mãe como fundamental à estruturação do sujeito, Lacan manteve a concepção de Freud, que coloca a posição paterna como primordial a esta constituição. É o pai, suposto detentor do falo, que interdita mãe e filho, marcando então, a castração e a lei na criança. Mesmo que perceba que nem tudo é passível a simbolização, só após a dissolução deste cenário, que a criança poderá encontrar significação para si mesmo, para os outros e para o mundo que o rodeia.

Disse-nos Lacan em 1958 fazendo certa síntese da importância do pai e do Édipo para a psicanálise de Freud:

“A função do pai tem seu lugar, um lugar bastante grande, na história da análise. Está no centro da questão do Édipo, e é aí que vocês a vêem presentificada. Freud introduziu-a logo de início, uma vez que o complexo de Édipo aparece desde *A ciência dos sonhos*. A importância da revelação do inconsciente é a amnésia infantil, que incide sobre o quê? Sobre a existência dos desejos infantis pela mãe e sobre o fato de esses desejos serem recalcados. E não apenas eles são reprimidos, como se esquece que esses desejos são primordiais. E não apenas são primordiais, como estão sempre presentes. Foi daí que partiu a análise e é a partir daí que se articula um certo número de indagações clínicas.”

(Lacan, 1958, p. 167)

Segundo Kaufmann (1993), ao realizar uma releitura ao artigo *Totem e Tabu* (1913) de Freud, Lacan evidenciou novamente a importância do pai neste cenário, principalmente frente a críticas levantadas ao artigo na época, como a

inexistência da mãe ou até das filhas não apenas no mito da horda, mas também nos tempos arcaicos, o que impossibilitariam a triangulação edípica.

Para Lacan, o mito narrado por Freud permite constatar que o Édipo é centrado na figura paterna e que é a castração que o organiza. Isto é, assim como no mito, através da castração (interdição) o incesto é criado, isto é, devido a substituição do pai primitivo assassinado (que goza e castra) pelo pai edípico, simbolizando a lei de proibição ao incesto. Deste modo, o menino é obrigado a abandonar seu desejo pela angústia da castração, ao passo que a menina entra no Édipo pela descoberta de sua castração e a conseqüente inveja do falo.

A castração, não como uma simples parte da evolução da sexualidade infantil ou um momento cronológico, mas sim como a inscrição da falta simbólica transmitida pelo pai (seja pela diferença real ou pela simples ameaça), que permite à criança que abandone seu desejo incestuoso e se entregue à linguagem. Esta é a estruturação neurótica para Freud, que equivale, como vimos, ao conceito de sujeito de Lacan.

Além disso, com a articulação lógica dos conceitos lacanianos, podemos pensar que o que gera o sujeito do inconsciente é a privação/interdição, isto é, o ser só será sujeito por ser castrado, por ter a impossibilidade de realizar seu maior desejo, que como dissemos acima, trata-se do desejo incestuoso. O recalque marca a impossibilidade de satisfazer justamente este desejo e é a partir desta falta real, deste obstáculo, que o sujeito nasce; e a neurose se inscreve.

Outro aspecto interessante apontado por Lacan, é que além de possibilitar seu acesso à dimensão simbólica, afastando a criança de uma relação imaginária com a mãe, e lhe conferir o estatuto de sujeito, a metáfora paterna institui um momento estrutural para a criança pois marca uma nova alienação, também irreversível, com a própria linguagem.

Segundo Dor (1989), a linguagem é uma propriedade singular que representa um certo real, passível a simbolização em favor da ausência deste real como tal. Por este motivo a alienação: a partir do momento que o sujeito

fala, ele fala de um lugar sustentado pela linguagem que advém justamente desta cisão com o real.

“O sujeito só está ali presentificado ao preço de mostrar-se ausente em seu ser. Além desta relação acusar mais uma vez a estrutura de divisão do sujeito, ela evidencia que o sujeito, tão logo acede à linguagem, perde-se nesta mesma linguagem que o causou. Não somente o sujeito não é causa da linguagem, mas é causado por ela. O que quer dizer que o sujeito que advém pela linguagem só se insere nela como um efeito; um efeito de linguagem que o faz existir para logo a seguir eclipsá-lo na autenticidade de seu ser.”

(Dor, 1989, p. 107)

Neste sentido, se o Significante Nome-do-pai propõe a inscrição do sujeito no mundo da simbolização, este ser só pode se mostrar através desta mesma linguagem que o marcou. Isto significa que a partir do momento que a metáfora paterna deixa sua marca, a criança não sabe sobre o que diz, encontra-se alienada ao Outro da linguagem.

Isto posto, é evidente que por mais importante que seja o papel e o destino do significado, este será sempre secundário frente ao do significante. Para o inconsciente, apenas as substituições do significante são decisivas, visto que o sujeito está alienado pelo e com o significante, em uma espécie de cadeia. Desta maneira, o recalque separa irreversivelmente um conteúdo real no inconsciente, deixando o sujeito preso, alienado na linguagem e aos possíveis significantes que servirão de substituto ao objeto perdido. Por isso, para Lacan, o sujeito é aquele representado por um significante para outro significante.

Esclarece-nos Dor (1989), que o objeto de desejo do sujeito possui a qualidade de objeto metonímico, ou seja, haverá sempre uma conexão do significante novo com o significante antigo em uma relação de substituição e proximidade.

Por conseqüência, ao longo de sua vida, o sujeito viverá todas suas satisfações como parciais, em uma busca por um gozo absoluto, uma completude que jamais será atingida. Assim, o falo passa a ocupar diferentes objetos e/ou posições que o sujeito tentará obter e alcançar por toda sua vida. Seja uma posição no trabalho, seja um apartamento ou até uma roupa, objetos

se apresentarão como falo permeando a vida do sujeito como inúmeras possibilidades para seu desejo, visto que ele nunca alcançará a completude, o gozo será sempre parcial.

Deste modo, a experiência inconsciente da castração simbólica é incessantemente renovada e colocada em jogo no decorrer da vida do sujeito, e seu resultado será uma eterna insatisfação.

Não podemos deixar de relacionar este posicionamento o artigo *O mal-estar na civilização* escrito por Freud em 1930, já que aborda justamente esta insatisfação inerente ao homem, que deve abrir mão de seus impulsos sexuais mais profundos para poder viver e ser aceito no social.

Freud (1930) descreveu que a civilização deve encontrar diferentes maneiras para impor limites frente aos impulsos hostis e primitivos do homem e garantir assim a vida em grupo. A primeira exigência da civilização seria a justiça, ou seja, é garantir que a lei primordial do grupo não seja violada em favor de apenas um indivíduo, já que as mesmas regras devem ser mantidas para todos. Neste caso, a lei que fundou a família, isto é, a lei de proibição do incesto, continua a operar como lei básica da civilização. Disse-nos Freud:

“A tendência por parte da civilização em restringir a vida sexual não é menos clara do que sua outra tendência em ampliar a unidade cultural. Sua primeira fase, totêmica, já traz com ela a proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou.”

(Freud, 1930, p. 109)

Assim, para garantir sua permanência e aceitabilidade no social, o sujeito deve contribuir com o sacrifício de alguns de seus instintos, se afastando (pelo menos conscientemente) dos seus impulsos sexuais mais primitivos. A dissolução do Édipo marca no sujeito, não apenas a falta frente ao desejo que nunca será realizado, mas também a culpa deste desejo incestuoso, que a partir da construção do superego e da idealização das figuras parentais, passa a ser impelido pela moral.

Deste modo, podemos concluir que o Édipo propõe a transferência da ameaça de infelicidade externa (medo da perda o amor dos pais) para a certeza

de uma culpa interna (ocasionada através da internalização da autoridade externa / consciência moral proposta pelo superego).

Deste modo, por mais que a força da pulsão permita que o sujeito se renove constantemente, ele nunca alcançará a felicidade plena, visto que justamente estes impulsos primitivos, reprimidos pela castração simbólica, nunca serão satisfeitos pela via sexual, somente através dos deslocamentos da sublimação. “Essa ‘frustração cultural’ domina o grande campo dos relacionamentos sociais entre os seres humanos.” (Freud, 1930, p. 104)

Assim, podemos pensar que a castração e o sentimento de culpa impostos pela dissolução edípica, ao mesmo tempo em que inserem o sujeito na cultura, são essenciais para a construção e desenvolvimento da própria cultura, devido a sublimação destes impulsos, que passarão a ser deslocados para outros fins, socialmente aceitos.

Desta maneira, fica evidente que o Édipo e a lei primordial de proibição do incesto permeiam uma relação recíproca entre sujeito e cultura: inscrevem o sujeito na linguagem, ao mesmo tempo em que possibilitam sua própria manutenção.

Pôr fim, antes de finalizar esta pesquisa, gostaria de retomar a questão inicial apontada na introdução deste trabalho. Ao entender o quanto as relações com as figuras materna e paterna são estruturais à criança e a própria cultura, meu questionamento sobre os efeitos de uma perda nesta fase de sua vida são amplificados.

Em uma sociedade onde encontros e desencontros promovem a construção de novas estruturas familiares, seria interessante pensar por exemplo, em como a criança enfrentaria a perda da figura materna ou paterna em meio ao processo de identificação edípica. Será que ela percebe e compreende a perda, sendo ela real ou não? Esta identificação poderia ser substituída? Ou seja, se uma criança perde o pai, por exemplo, outra pessoa poderá exercer esta função paterna de interdição e inserção da marca simbólica na criança? Além destas questões

poderíamos também indagar as conseqüências desta perda, isto é, por estar em desenvolvimento, tanto cognitivo como psíquico, há algum tipo de conseqüência no psiquismo da criança enlutada? A criança é capaz de enlutar-se?

Enfim, em meio a uma cultura em que falar da perda e da morte ainda é algo proibido, assim como um tabu, pensar em sua relação com a criança e suas possíveis conseqüências se tornam ainda mais complexas e ao mesmo tempo instigantes. Estudar e entender os processos normais do desenvolvimento psíquico da criança e principalmente suas relações primordiais, que marcarão este ser para o resto de sua existência, me fizeram formular novas questões, me estimulando ainda mais em buscar respostas em uma próxima pesquisa.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BERNARDINHO, L. *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. Editora Escuta. São Paulo: 2006.

DOR, J. *Introdução à leitura de Lacan - O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1989.

FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1896). Carta 52, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1987). Cartas 70 e 71, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1898). A Sexualidade na Etiologia das Neuroses, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1900). O material e a fonte dos sonhos, In: A interpretação dos sonhos, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1905). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1907). O Esclarecimento Sexual das Crianças, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1908). Sobre as Teorias Sexuais Infantis, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1910). Cinco Lições de Psicanálise - Conferência IV, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1913). Sobre a Psicanálise, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1913). Totem e Tabu, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1916-17) Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Conferências XX e XXI. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1917) As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1923) A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* . Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1924) A dissolução do Complexo de Édipo, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1925) Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos, In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1931). Sexualidade Feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FORRESTER, J. *A linguagem e as origens da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ (1953) A função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ (1958) A lógica da Castração. In: *Seminário 5 – As formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_ (1958b) A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GRAVES, R. *Mitos Gregos*. São Paulo: Madras, 2004.

*Michaelis Dicionário Moderno da Língua Portuguesa* (2009). Disponível em <http://michaelis.uol.com.br>

NASIO, J. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_ *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OGDEN, T. O sujeito freudiano. In: *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PORGE, E. *Jacques Lacan, um psicanalista – Percurso de ensino*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.